

ANEXO 6

Esse material integra o tópico 5 do artigo, que trata da estrutura do ambiente virtual de aprendizagem. Por questões de limitação de espaço e legibilidade do artigo, o conteúdo das postagens do tutor nos fóruns de atividades em cada um dos módulos consta abaixo, para consulta por aqueles que tiverem interesse nesse material.

No **módulo 1 (sobre ambientação e introdução)**, para ilustrar o início das atividades, transcrevo mensagem postada pelo tutor, abrindo o fórum do primeiro módulo do curso:

Bem-vindos!!!

por Cândido Alfredo Silva Leal Junior - terça, 9 abril 2013, 09:49

MENSAGEM DE ABERTURA DO FÓRUM DO MÓDULO I:

Colegas:

Meu nome é Cândido Alfredo Silva Leal Júnior. Sou juiz federal desde 1993, tendo atuado de 2005 a 2012 na Vara Ambiental, Agrária e Residual de Porto Alegre, especializada em ações ambientais (cíveis e criminais).

Atualmente, sou desembargador no TRF4, com sede em Porto Alegre (sul do Brasil).

Em 2010-2012, participei como coordenador do grupo de trabalho sobre justiça ambiental na XVI Cumbre Judicial Ibero-americana, de onde surgiu este projeto de curso de ensino à distância.

Acredito que todos já tenham se familiarizado com a proposta do curso e com a estrutura de ensino à distância da Emagis-TRF4. Esses materiais estão disponíveis na página de abertura do curso e na primeira parte do módulo I.

Nas próximas semanas, vamos conviver nesse espaço virtual e o tempo que gastarmos aqui terá sido bem empregado se todos participarmos e procurarmos trocar experiências e debater ideias sobre juiz e meio ambiente. Dependerá de cada um de nós fazer com que o curso tenha êxito e o tempo gasto aqui tenha sido bem empregado.

Serei o tutor do curso, isto é, o encarregado de auxiliá-los na leitura dos materiais e nos debates nos fóruns de discussão durante o curso.

Agora, vamos começar o curso propriamente dito. A proposta do primeiro módulo é conhecermos um pouco do Princípio 10 da Declaração do Rio, sobre informação, participação e acesso à justiça. Esses três eixos serão o esqueleto sobre o qual vamos debater as questões relacionadas ao meio ambiente e à nossa atuação, enquanto juizes, nessas questões tão polêmicas e interessantes.

Para tanto, é importante que leiam e assistam os materiais que constam como “Leitura obrigatória para o Módulo I”. Se sobrar tempo e houver interesse, aproveitem para passar os olhos também sobre os materiais que constam como “Leitura opcional para o Módulo I”.

Enquanto vão olhando os materiais, vamos aproveitar pra nos conhecer e falar um pouco sobre nossas experiências em matéria de meio ambiente. Essa será nossa primeira atividade, para o que poderemos aproveitar o espaço do fórum de discussão sobre “Atividade do Módulo I”, onde constam as instruções para participar e se apresentar.

Basta ir àquele espaço (fórum de discussão) e clicar sobre “acrescentar um novo tópico de discussão”, e partilhar suas ideias e impressões com os outros participantes.

Esse momento de apresentação é importante para o trabalho das próximas semanas, porque temos três categorias distintas de participantes nesse curso:

(1) alguns são juízes federais e juízes federais substitutos da Justiça Federal da 4a Região (RS, SC e PR);

(2) outros são juízes federais em outras regiões do Brasil, com destaque para vários colegas de Varas Ambientais da 1a Região (região norte do Brasil) e outro da 5a Região (região nordeste do Brasil)

(3) outros são juízes de países ibero-americanos (Argentina, Equador, Espanha, Peru, Uruguai), que estarão se esforçando para acompanhar o curso em língua portuguesa.

Se queremos trocar experiências e partilhar informações, é preciso que cada um se apresente e que todos se conheçam. Mãos à obra. Bom curso a todos.

Cândido (tutor do curso).

Depois que vários participantes tinham feito suas apresentações e iniciado alguns tópicos no primeiro módulo, outra mensagem foi postada pelo tutor, tentando otimizar as discussões e orientá-las no sentido proposto para o curso, nestes termos:

O que deve nos inspirar?

por Cândido Alfredo Silva Leal Junior - sexta, 12 abril 2013, 01:56

Colegas:

Creio que estes nossos primeiros dias estão sendo bem proveitosos, porque estamos conseguindo os dois objetivos deste módulo: (a) fazendo as apresentações entre os participantes e conhecendo um pouco da realidade e da experiência de cada um dos participantes; (b) conhecendo um pouco mais do Princípio 10 da Declaração do Rio, que fornecerá os três eixos com que discutiremos problemas ambientais específicos nos próximos módulos do curso (informação, participação e acesso à justiça).

Esses três conceitos são importantes quando se pensa em matéria de “justiça ambiental” porque os juízes não conseguem sozinhos resolver os problemas do meio ambiente. É preciso que as outras pessoas e os outros agentes sociais (ONGs, cidadãos, empresas, empreendedores, órgãos públicos, polícias ambientais, órgãos de fiscalização e controle, etc) participem no processo de tomada de decisões (participação).

Para que possam participar, entretanto, além de boa vontade e disposição de proteger o ambiente, é importante que esses participantes estejam informados sobre seus direitos, sobre os problemas, sobre os dados técnicos e científicos disponíveis, sobre os dados que estão em poder dos órgãos públicos e dos agentes sociais (informação).

E para que a participação e a informação não fiquem no vazio, isto é, para que possam ser exercitadas num contexto social capaz de dar conta dos diversos interesses envolvidos (geralmente interesses conflitantes e complexos), é necessário que existam mecanismos que permitam a solução dos conflitos e a busca de soluções para esses problemas no âmbito administrativo e, falhando este, no âmbito judiciário (acesso à justiça).

Somente quando essas três faces da justiça ambiental encontram espaço na sociedade, nas instituições públicas e nos agentes privados é que se consegue fazer com que os direitos não estejam apenas nos textos escritos das leis e da Constituição, e consigam ser efetivados.

Provavelmente essa não seja tarefa dos juízes. Ela seja uma tarefa de todos os agentes sociais, cabendo ao juiz resolver os conflitos postos nessa sociedade a partir das regras postas também por essa sociedade, para o que precisa se informar e também ouvir todos os interessados e perspectivas de determinado problema. Somente com uma visão global e com uma perspectiva múltipla é que o juiz poderá pensar em contribuir pra encontrar as soluções de justiça ambiental para os problemas de sua comunidade.

Mas acho que essas reflexões teóricas estão bem resumidas na “leitura obrigatória” desse primeiro módulo, que quer um pouco resumir essas perspectivas e nos sensibilizar para o relevante instrumento de argumentação (diria quase uma “ferramenta hermenêutica”) que o Princípio 10 da Declaração do Rio nos oferece. E que parece exploramos tão pouco.

Bom, prosseguindo com as boas-vindas, podemos perceber como vivemos em mundos parecidos e diferentes ao mesmo tempo. Recordo aqui a mensagem do Edgardo (9/4/13, 22h33), dando conta do nosso vizinho Uruguai, onde - já mencionei - não teriam “delitos ecológicos” nem “fiscais preocupados com a ecologia”, com raras exceções, e onde “as ações ambientais se costumam perder por falta de prova”.

Embora o Princípio 10 seja pouco conhecido e utilizado no Uruguai, como mencionado pelo Edgardo (10/04/13, 12h43), ele nos traz notícia de outra ferramenta hermenêutica muito relevante (um documento produzido também no âmbito da Cumbre Judiciária Ibero-americana em 2008), conhecido como “Regras de Brasília”, que contém uma série de “conselhos” sobre como o Judiciário pode auxiliar as pessoas em condição de vulnerabilidade, procurando abarcar todas as situações em que temos partes hipossuficientes envolvidas numa demanda judicial e discutindo como o Judiciário pode intervir para assegurar igualdade efetiva no acesso à justiça, dando tratamento especial a pessoas e grupos que se encontram numa situação de - digamos - inferioridade em relação a litigantes normais. Isso vale não apenas para sociedades tradicionais e comunidades indígenas, mas também para vítimas de crimes ou então para idosos, crianças, grupos discriminados, etc.

A minha colega e amiga Daniela (10/4/13, 13h30) apresentou as belezas naturais da sua jurisdição, aqui no litoral de Santa Catarina, que com certeza contrastaria com a experiência da selva peruana ou amazônica mencionada por outros participantes. E desse contraste e da diversidade de locais de onde escrevemos e participamos é que podem surgir frutos interessantes para todos nós nesse curso, uma vez que as realidades são bastante distintas, e com certeza podemos aprender muito uns com os outros a partir dessas diferentes realidades.

Falando nas peculiaridades do Peru, temos a mensagem do Ricardo (10/4/13, 14h28), onde o Princípio 10 já ganhou corpo na legislação nacional, mas encontra dificuldades pra que se tenha efetiva participação da sociedade e das pessoas na tomada de decisões porque “a consciência coletiva não está convencida ainda da existência desses instrumentos legais para dirigir seus próprios destinos e proteger a sua saúde”. E ainda menciona outra dificuldade, que acho deva ser comum a quase todos os países,

relacionada aos conflitos que existem entre decisões administrativas e a jurisdição contenciosa: “expresso minha preocupação de que as resoluções de sanção emitidas pelo Tribunais Administrativos ambientais do Peru são impugnadas e paralisadas ante o Poder Judiciário por meio dos processos contencioso-administrativo, onde casos ambientais chegam nas mãos de Juizes contencioso administrativos que conhecem pouco do Direito Ambiental”.

Interessante essa menção porque aqui no Brasil, pelo que me parece, o problema é inverso: é o Poder Judiciário que tenta avançar em matéria de meio ambiente e que muitas vezes precisa suprir as deficiências das instâncias de controle e fiscalização ambiental. Ou seja, os órgãos ambientais falham ao licenciar e ao fiscalizar, e as questões acabam vindo parar no Judiciário, que acaba muitas vezes sendo mais protetivo que o próprio órgão ambiental.

Falo da experiência da 4a Região da Justiça Federal (e agradeço as considerações da Ana Inês - mensagem de 10/4/13, 15h27 - que esteve na Rio+20, apresentando o trabalho socioambiental da Justiça Federal da 4a Região e que lidera aqui o projeto de gestão ambiental da JFRS), e seria talvez interessante ouvir a opinião de colegas das outras regiões da Justiça Federal, esclarecendo se nas respectivas jurisdições os órgãos públicos ambientais também acabam na maior parte das vezes ocupando o papel de réus e demandados nas ações ambientais, muitas vezes por sua omissão ou por ineficiência no exercício das funções de polícia e controle ambientais. Fica a sugestão pra que alguém comente isso.

Aliás, a mensagem da Ana Inês (10/4/13, 15h27) é outro exemplo de como não atuamos, como juizes, em matéria de meio ambiente apenas julgando ações ambientais, mas também existe um enorme espaço de atuação socioambiental do Judiciário, como mostra o trabalho que ela vem realizando aqui no Rio Grande do Sul, liderando um projeto estratégico do Judiciário nesse sentido (do qual vamos falar com mais detalhe no módulo III, sobre participação, e por isso peço que aguardemos até lá).

Agradeço também ao João Paulo (11/4/13, 0h37), que já antecipou uma discussão interessante sobre participação pública em demandas ambientais questionando um ato administrativo, um tema que também poderá ser abordado no módulo III, que trata da participação por meio de audiências públicas e amicus curiae, e onde pretendo trazer um material sobre um caso muito interessante da Argentina, uma ação ambiental que tramitou na Suprema Corte Argentina, envolvendo a despoluição de um rio e recuperação das populações envolvidas, tudo feito a partir de audiências públicas conduzidas pela Corte Suprema.

O modelo de amicus curiae talvez possa contribuir para que consigamos identificar quais interessados podem participar da audiência pública, sendo muito oportuna a mensagem do Rogério (11/4/13, 6h40), mencionando essas dificuldades e lembrando de audiências públicas realizadas pelo Supremo Tribunal Federal do Brasil a respeito. Também a menção que o Rogério (11/4/13, 16h04) faz às gerações futuras e à busca de uma jurisdição do “possível” (e não apenas a busca de um “ideal” impossível) é relevante, nos remetendo para pensarmos sempre em conciliar as necessidades com as possibilidades que dispomos. É muito mais fácil para um Tribunal Superior realizar uma audiência pública com a sociedade civil e com os especialistas, do que isso ser realizado por um juízo individual numa ação coletiva que esteja sob seus cuidados. Mas daí vem aquela dose de criatividade e iniciativa que muitas vezes é exigido do juiz para lidar com problemas complexos e imprevistos pela lei processual ordinária.

E aqui, apenas referindo o debate que se seguiu a partir da mensagem do Márcio Luiz (11/4/13, 17h42), ele trouxe sua experiência de Manaus (Amazonas), envolvendo questões relacionadas a áreas de garimpo e da pesca, realizando tais audiências públicas com a roupagem (formato) da tradicionais “audiências de conciliação”, que permitem que o juiz trate com informalidade a questão e tente buscar uma solução

conciliada. Nessas audiências, mesmo que não se consiga a conciliação, muitas vezes se pode utilizá-las para ouvir esses outros interessados, que poderão contribuir com subsídios e informações relevantes para futura sentença de mérito no processo. E fica a experiência preciosa compartilhada pelo Márcio, no sentido de que “mesmo com todas as dificuldades, a experiência foi muito válida. Mesmo quando não há um acordo (TAC), a decisão sai bem melhor e é mais facilmente aceita pelos afetados”.

O Marcelo Krás (11/4/13, 19h01), que atua na Vara Ambiental de Florianópolis (a nossa “ilha da magia” aqui do sul do Brasil em razão de suas praias badaladas) já adianta outra questão que vamos mencionar no módulo II, quando se tratar da informação, que diz respeito com o contato do Judiciário com a imprensa e com a divulgação das informações ambientais que o juiz dispõe para os meios de comunicação e para a sociedade. As dificuldades para lidar com essas ações (“foi reservada uma sala para 60 pessoas e vieram 120”) dá bem conta de como muitas vezes pode ser difícil lidar com uma dessas audiências públicas, exigindo muita cautela e preparação pelo juiz para lidar com a novidade e com os tantos interesses envolvidos.

O Edgardo (11/4/13, 20h36) também contribuiu lembrando a importância dos órgãos de comunicação social do Poder Judiciário, divulgando as notícias sobre decisões dos juízes que envolvam meio ambiente. Essa função é importante porque permite que a sociedade seja esclarecida (informada) sobre o trabalho dos juízes, e certamente poderemos discutir bastante e retomar essa discussão no módulo II, quando lidarmos especificamente com a informação ambiental. Com certeza todos teremos experiências interessantes a partilhar de contatos com a imprensa. E o Janilson (11/4/13, 22h27) e a Roxana (11/4/13, 23h55) mencionam a transmissão das audiências públicas o uso das TVs públicas ou comunitárias nas audiências públicas, o que parece ser bastante interessante. Uma ferramenta como o Youtube também parece interessante, como vamos ver no módulo III, porque a íntegra da audiência pública pode ficar disponível na internet para consulta e conhecimento pelos interessados e pela sociedade.

Sem querer abusar da participação da Roxana (11/4/13, 23h48), eu perguntaria a ela se teria condições de trazer para o curso o texto da “Lei Geral do Ambiente” que mencionou, que parece conter normas interessantes que podem nos auxiliar nos debates.

Agora em termos de experiência para nós aqui do sul do Brasil, ninguém superou ainda a mensagem do meu amigo Dimis (10/4/13, 22h55), que a esta hora deve estar lá no interior da selva, sem acesso à internet... Espero que ele retorne logo da sua viagem (avião regional + monomotor, ida-e-volta) e possa continuar compartilhando conosco essas experiências de um Brasil que conhecemos tão pouco aqui no sul.

Como vocês podem ver, temos farto e vasto material para partilhar, e não vejo a hora de ler a sentença do Dimis sobre o Encontro das Águas. Não vamos conseguir ler todos esses materiais (também os materiais postados como “leituras facultativas”) durante essas semanas de curso. Não é importante termos tudo agora, mas é importante que saibamos onde podemos encontrar esses materiais e eles poderão ser úteis no futuro para nós, quando nos depararmos com um problema semelhante àqueles tratados nos materiais do curso.

Inclusive vou pedir para o pessoal da Emagis, dentro do possível, separar esses materiais que vocês remetem nas mensagens e tentar disponibilizá-los num local específico das “leituras facultativas”, para que fiquem à disposição para consulta separada pelos interessados, pode ser?

Bom, a noite vai avançando e não vou conseguir comentar as mensagens de todos vocês. Aliás, se eu continuar comentando todas as mensagens, vocês é que não vão ter tempo pra ler o que escrevi aqui. Quero apenas dar boas-vindas também ao Lucas Mariano (10/4/13, 9h55), que traz notícias de Uberaba (MG); repetir que fico

encantado com as descrições que traz a Roxana (10/4/13, 12h39 e 12h43) sobre o lugar onde vive e trabalha (e mencionar que o problema da mineração será tratado no módulo IV, a partir da experiência de Criciúma aqui no Brasil, onde havia poluição por minas de carvão); ao Diego Viegas (10/4/13, 13h32), que fala das belezas de Foz do Iguaçu e dos problemas que afetam o Lago e a Hidrelétrica de Itaipu; do Gilson Jacobsen (10/4/13, 15h53), que fala da aula sobre governança e sustentabilidade, e das possibilidades do Princípio 10 para a jurisdição ambiental; ao Márcio Luiz (10/4/13, 16h03), que poderá contribuir com sua experiência e perspectiva de juiz criminal quanto às questões ambientais; ao Arthur Pinheiro (10/4/13, 16h33), que poderá nos brindar com experiências e reflexões interessantes sobre as questões envolvendo hidrelétricas e questão fundiária, que no Pará parece ser tão complicada; ao Alexandre Pereira (10/4/13, 17h23), que também poderá apresentar experiências quanto a outro tipo de hidrelétrica, de menor porte e diferente daquela gigantesca Belo Monte mencionada pelo Arthur; ao Sebastião Ogê (10/4/13, 17h46), a quem parabeno hoje por ter sido escolhido para integrar lista de merecimento para concorrer a vaga de desembargador do TRF4, obtendo o reconhecimento quase da unanimidade dos integrantes do tribunal para integrar a lista (Sebastião, meus parabéns!!!); ao Carlos Manuel (10/4/13, 18h06), que nos brinda com reflexões do Peru e que já antecipa a questão do dano ambiental, que pretendemos tratar no módulo IV, sobre acesso à justiça e seus instrumentos, aí incluída a reparação de que fala o Princípio 10; à Silvia (11/4/13, 0h05), que está na Vara Ambiental de Curitiba e certamente compartilhará conosco experiências interessantes que tem a enfrentar pela frente.

Para finalizar, a mensagem da minha colega de Vara Ambiental aqui em Porto Alegre, Clarides (11/4/13, 15h01), que realizou audiências conciliatórias bem interessantes na jurisdição de Porto Alegre e também saiu a campo, em inspeções judiciais para vistoriar locais e fatos, e cuja experiência conheço de perto porque jurisdicionamos juntos na vara durante alguns anos (antes de eu ser promovido), e que sei que contribuirá bastante com exemplos para as questões que vamos discutir.

Bom, embora faltem alguns participantes a se apresentar, acho que já temos bastante material para tratar e podemos perceber que temos interesses e problemas comuns, que podem servir com pano de fundo para várias discussões e troca de reflexões entre realidades distintas.

Peço perdão se escrevi muito e se no final apenas fiz breve referência. Mas vocês podem ver o quanto eu gosto do assunto e o quanto acho que podemos aprender uns com os outros nesse curso, através de uma plataforma simples como o ensino à distância, que no caso vai permitir que juízes de lugares tão distintos, distantes e diferentes possam compartilhar seus problemas e suas dificuldades.

Prometo falar menos da próxima vez, mas era minha função “cerimoniar” essas apresentações e tentar convencê-los de que esse grupo pode ser bastante explorado em termos de reflexões e experiências.

A propósito, conseguimos nosso primeiro objetivo: nos conhecer. Mas quanto ao Princípio 10 da Declaração do Rio, embora tenhamos visto que os temas são relevantes e que a ferramenta pode ser importante para nosso trabalho judiciário (fundamentação das decisões e processo decisório), podemos ver que são poucos os que já utilizaram esse princípio expressamente nas suas decisões.

Então, prosseguindo ainda nas discussões GERAIS sobre o Princípio 10, talvez fosse o caso de perguntar a vocês sobre o que os inspira quando têm de decidir sobre questões relacionadas ao meio ambiente? Em que o juiz deve se inspirar quando têm que decidir uma questão tormentosa ou complexa em matéria de meio ambiente? Quais são os valores que devem nortear nossas decisões em matéria de meio ambiente, na perspectiva de vocês?

Uma boa noite a todos.

Cândido.

Por fim, para encerramento do primeiro módulo, o tutor postou a seguinte mensagem no fórum de atividades:

Encerramento do módulo I

por Cândido Alfredo Silva Leal Junior - quinta, 18 abril 2013, 20:41

Colegas:

E chegamos ao final do nosso primeiro módulo, que serviu para que nos conhecêssemos (e fizemos isso muito bem, cada um falando um pouco sobre sua pessoa) e também para que nos conhecêssemos o Princípio 10 da Declaração do Rio (que abre muitas possibilidades de argumentação e fundamentação para nossas decisões).

Uma constatação interessante, que já imaginava fosse encontrar a partir da minha própria experiência, foi a pouca utilização do Princípio 10 para fundamentar decisões judiciais em matéria de meio ambiente. Embora seus três eixos (informação, participação e acesso à justiça) fossem importantes quando se fala de jurisdição ambiental, nós conhecemos e usamos pouco essas possibilidades.

Agora, a proposta para os três próximos módulos é que, em cada um deles, continuemos a conversar e a trocar experiências sobre esses temas, concentrando nossas atenções em cada um dos módulos para um dos eixos:

- informação e transparência (módulo II, de 19/4 a 28/4),*
- participação pública (módulo III, de 30/4 a 09/05) e*
- acesso à justiça (módulo IV, de 10/05 a 20/05).*

Como perceberam, alguns desses temas já foram antecipados e discutidos nesse primeiro módulo, mas isso não importa porque podemos retomar as discussões ou então podemos explorar outras perspectivas e outras temáticas relacionadas a cada um dos eixos, fazendo o que fizemos tão bem até agora: trocando experiências e partilhando boas práticas.

Aliás, como vocês estavam trazendo muitos materiais interessantes nas mensagens trocadas no fórum, pedi para a Emagis organizar um espaço em cada módulo do curso (“Leituras sugeridas pelos participantes”), para que ali colocássemos esses materiais que estão sendo partilhados, ficando guardados para futuras consultas.

Nos próximos módulos, existem vários materiais em “Leitura Opcional para o Módulo”, porque é interessante partilharmos alguns desses materiais. A intenção não é que tudo isso seja visto e lido durante o curso, mas que nós tenhamos um repertório com questões ambientais interessantes, que podem ser usadas futuramente para discutir questões específicas. Nossa intenção não é esgotar os assuntos, mas criar estímulos para que sejam debatidas algumas perspectivas importantes para uma decisão ambientalmente justa e adequada para as situações concretas que enfrentamos.

Não vou conseguir aqui responder e resumir todas as mensagens, porque temos bastante material e ideias muito interessantes pra destacar e comentar.

Mas como nem todos devem ter conseguido ler todas as mensagens, vou tentar mencionar alguns dos temas desse primeiro módulo, “costurando” os conhecimentos que juntos partilhamos e alcançamos.

Por exemplo, o meu amigo Paulo Canabarro (17/4, 18h07), com sua vasta experiência em jurisdição criminal aqui em Porto Alegre, já antecipou uma questão importante sobre informação ambiental, que diz respeito com a “guerra de versões” que às vezes se instaura nos conflitos ambientais.

“Às vezes” talvez não seja a expressão apropriada, porque esses conflitos de perspectivas e de interesses “geralmente” acontecem em matéria de meio ambiente, mostrando que estamos em campo minado quando se trata de discutir questões relacionadas ao meio ambiente. Muitas vezes, a questão deixa de ser técnica e se torna ideológica, e as paixões tomam conta das partes, agentes sociais, cidadãos, e todo mundo acaba tendo uma opinião prévia sobre uma determinada questão, discutindo essa questão de forma apaixonada e parcializada nos tribunais.

E nós, juízes que temos a imparcialidade por dever, ficamos no meio do tiroteio entre as versões, que nem sempre são totalmente confiáveis e que muitas vezes se prendem a apenas alguns argumentos, sem considerar todas as perspectivas envolvidas.

Realmente, a questão proposta pelo Paulo é difícil: “o problema da confiabilidade das fontes do conhecimento ambiental”. Como resolver a questão surgida no processo, se os técnicos e os peritos podem dar respostas diferentes, conforme escolham esse ou aquele critério técnico para decidir? Como escolher qual a versão que predomina, se cada um dos lados do conflito trouxe pareceres técnicos que apontam para soluções diferentes?

Aqui o problema é que o juiz não pode simplesmente “confiar no perito” porque a própria escolha do perito pode já envolver uma escolha de metodologia ou de técnica para enfrentar o problema que já está sendo parcial e está antecipando o resultado. Se escolho um tipo de perito (um engenheiro florestal, por exemplo), posso ter um resultado. Se escolho outro tipo de perito (biólogo, por exemplo), posso ter um resultado diametralmente oposto. Como vou escolher o perito? Que critérios vou utilizar para escolher as fontes em que vou confiar?

Ah, como eu queria ter soluções para isso. Mas não as tenho. Mas quero aproveitar a discussão trazida pelo Paulo e sugerir, aos que tiverem tempo e interesse, uma leitura bem leve e divertida, de um livro de ficção que achei muito interessante pela crítica que acaba fazendo às questões do nosso mundo cotidiano, ao aquecimento global, às instituições científicas, às questões politicamente corretas.

Talvez alguém já tenha lido. Talvez alguém ache que não é apropriado para um curso de Direito Ambiental (com letras maiúsculas), mas justamente essa capacidade do juiz (de nós mesmos) deixarmos de ser juízes e olharmos os problemas com olhos não-jurídicos me parece ser essencial para que consigamos voltar ao nosso papel de juízes e conseguir proferir decisões ambientalmente justas e socialmente adequadas.

Esse livro que estou falando chama-se “Solar”, de Ian McEwan (Companhia das Letras, 2010). A resenha é mais ou menos essa:

“Michael Beard é um físico britânico internacionalmente consagrado. Vencedor do prêmio Nobel por seu trabalho sobre a natureza da luz, vive há anos da fama angariada com sua grande descoberta, a Conflação Beard-Einstein. Em 2000, obeso, cada vez mais calvo e alcoólatra, o protagonista de Solar vive rodeado de amantes, e leva uma vida cinicamente sedentária. Entediado com o circuito de conferências científicas, Beard aceita por pura inércia um cargo honorífico no recém-criado Centro Nacional de Energia Renovável, concebido por políticos oportunistas sob o pretexto de combater o

aquecimento global. No entanto, a descoberta da traição da sua quinta mulher, Patrice, o deixa inesperadamente transtornado. Neste romance construído com o rigor de uma demonstração algébrica, Ian McEwan mobiliza sua reconhecida habilidade de contador de histórias para ligar o destino tragicômico do protagonista ao futuro do planeta, numa prosa irônica e alusiva aos acontecimentos marcantes da última década”.

Esse é o resumo que está na contracapa do livro. O que achei interessante nele é o cinismo do protagonista, o cara é uma parada. No passado, teve uma ideia brilhante e ganhou um prêmio Nobel, mas vive dessa fama e se aproveita dela, meio que sem querer, “discutindo” temas ecológicos importantes. (Aliás, há um capítulo em que ele participa de uma conferência com uma pesquisadora mulher que simplesmente é terrível pelo desastre que ele causa, as mulheres vão adorar...).

Um pouco dessas dúvidas que o protagonista vive na carne (no caso, ele não apenas “vive”, mas delas tira proveito) é talvez o dilema que todos os dias esteja presente nas decisões que temos que tomar, como juízes: onde está a verdade? Onde encontrar as intenções verdadeiras? Como separar o inocente do mal-intencionado? Como escolher, por exemplo, o perito que vai esclarecer nossas dúvidas “técnicas” sobre os fatos “concretos”? Como não virar escravo da retórica e prisioneiro das intenções duvidosas em matéria de meio ambiente?

Bom, não tenho as soluções, mas desde já agradeço a discussão que o Paulo trouxe e deixo essa sugestão de leitura futura, quem sabe nas férias de cada um, aproveitando o tempo pra descansar, dar umas boas risadas, e ainda refletir um pouco sobre nosso papel enquanto juízes “imparciais” no exercício da jurisdição e resolvendo conflitos fundamentais para o planeta.

E a discussão proposta pelo Paulo não é apenas teórica, porque o Marcio Jonas (17/4, 18h59) traz um exemplo concreto de disputa ambiental que envolve dois lados apaixonados por uma determinada questão, colocando a questão sobre “em quem acreditar?” num processo desses? Como escolher um critério para seguir? Ah, essa é a magia do direito ambiental, que não consegue se restringir ao direito apenas e acaba nos levando para questões bem mais profundas, que envolvem nossas concepções de mundo, nossas formas de pensar, nossas crenças, ideologias, paixões, preconceitos, esperanças, expectativas, experiências, etc.

A Clarides (18/4, 10h18) faz a ligação desse problema de conteúdo (qual é o critério a seguir?) com a questão da forma posta nas audiências para ouvir técnicos e tentar a conciliação, ainda que esta não tenha êxito. Mesmo que não resulte em conciliação, o fato do juiz ter ouvido os interessados, ter se aproximado das partes apaixonadas, ter sentido de perto os interesses envolvidos, a audiência de tentativa de conciliação tem seu valor por permitir que o juiz deixe de lado os aspectos meramente jurídicos e, ainda que de forma informal, consiga entender um pouco do tamanho do problema (ou dos problemas) que tem que enfrentar para construir uma solução justa e proferir sua decisão.

O Ricardo Enrique (18/4, 15h29) enriquece a discussão ao trazê-la para o contexto global, mostrando o quanto os países podem ter interesses diferentes, conforme a posição e as condições de cada um. Realmente, o direito internacional nem sempre dá conta de conciliar todos esses interesses, porque muitas vezes um país pode estar defendendo apenas seus próprios interesses e nem sempre é fácil encontrar altruísmo e solidariedade nessa luta por recursos escassos. Por isso, é tão importante que cada comunidade encontre suas soluções, as soluções para seus problemas, e por isso seja tão difícil criticarmos os outros. Não é fácil conciliar esses interesses, como dão conta tantos conflitos internacionais envolvendo questões ambientais e envolvendo o próprio uso que fazemos do mundo.

Os colegas da Amazônia, por exemplo, guardam e zelam por um patrimônio brasileiro ou mundial? A Amazônia é do Brasil? Ou a Amazônia é o pulmão do mundo? Suas riquezas são dos brasileiros ou são de todos os países? E aí vai discussão, que não se encerraria nunca...

A Roxana (18/4, 19h26) lembra a importância da informação pública para enfrentar essas questões. Acho que realmente não temos outra saída: embora a informação às vezes seja manipulada, embora seja tão difícil escolher quem tem razão, não temos outra solução que não recorrer à “luz do sol”, que afinal é “o melhor desinfetante”. A transparência e a discussão pública é importante, ainda que nem sempre seja suficiente. Não basta apenas informar, é preciso também que os informados participem, queiram participar, exerçam seus direitos, tenham senso-crítico, não se deixem enganar pela propaganda paga ou pelas aparências compradas. É preciso que os cidadãos e a sociedade, junto com os órgãos públicos, cumpram seu papel de participar na tomada de decisões. E quando isso não resultar em consenso (e às vezes mesmo quando resultar em maiorias consideráveis), seja possível que tenhamos instrumentos de acesso à justiça e de solução judicial das controvérsias.

Ops, mas esses são os três eixos do Princípio 10: informar, participar, assegurar acesso à defesa do direito!!! Viram como a ferramenta argumentativa é relevante?

Bom, mas antes de passarmos para a informação, também podemos mencionar outros tópicos abertos nesse fórum, que geraram debates interessantes, como por exemplo a contribuição do Sebastião Ogê (14/4, 12h17), que já comentei (Cândido, 16/4, 8h16) e que outros também comentaram (Priscilla, 16/4, 10h36; Roxana, 17/4, 21h59), mostrando que não apenas os “juizes ambientais” lidam com questões ambientais relevantes, mas até mesmo juizes do trabalho, juizes previdenciários, juizes de inventários podem ser chamados a dar sua contribuição para o direito ambiental e, portanto, tem o dever de estarem bem informados e participarem em matéria de meio ambiente (olha aí, de novo, a informação e a participação do Princípio 10).

O Ricardo Enrique (14/4, 22h01) também trouxe um tema relevante para discussão, com respeito ao “registro público das decisões sobre investimentos e disposição ambiental”, concentrando os dados e as informações sobre licenciamento num único lugar. Aliás, é incrível que aqui no Brasil às vezes tenhamos de decidir sobre acesso à informação ambiental, obrigando determinado órgão público a fornecer informações para um cidadão ou ONG poder exercer seu direito de participação e acesso à justiça. Muitas vezes, o órgão ambiental sonega a informação, nega o acesso a informações importantes e obriga o cidadão interessado a buscá-las em juízo para somente então poder controlar e exercer seus direitos (que, aliás, não são só seus, mas de todos, gerações presentes e futuras).

O Marcelo Krás (15/4, 12h44) trouxe uma situação concreta, em que estaria realizando uma inspeção judicial em área indígena. E vários deram sugestões e subsídios para tanto. Como o Marcelo ainda não respondeu, espero que ele tenha levado a sério a prudente observação da Clarides (15/4, 18h30): “tens interlocutor indígena ou quem tenha uma boa interlocução com a tribo?”.

Realmente, nas inspeções que eu fiz, o trabalho era quase dobrado: primeiro, eu conhecia a área e o problema (às vezes, fui antes sozinho, pra ver o que eu iria encontrar no dia seguinte). Depois, conhecendo o lugar e o que iria encontrar, somente então eu fazia a inspeção. É um conselho importante, porque quando estamos “a campo”, fora do gabinete, estamos sem muito das ferramentas e instrumentos que nos protegem enquanto juizes e garantem nossa segurança, principalmente em locais e jurisdições conflituosas, onde muitas vezes a questão ambiental vira caso de polícia.

A propósito, no módulo IV vou trazer uma experiência interessante dos juizes agrários da Costa Rica, que sempre realizam uma vistoria no local dos fatos para julgar

demandas agrárias, envolvendo questões relacionadas ao uso e posse da terra (plantação, uso da água, posse, propriedade, etc). Mas isso é para o módulo IV...

Mas, por ora, a questão proposta pelo João Paulo (11/4, 0h37) sobre participação pública e ações individuais permitiu que trocássemos várias informações e materiais sobre audiências públicas e inspeções, e acho que foi bem produtiva essa troca de experiências.

Bom, não vou conseguir comentar todas as mensagens, mas encerro esse módulo I com a alegria de ter contado com o auxílio e a experiência de vocês, e esperando nos encontrarmos a partir de amanhã no módulo II, agora focado na informação ambiental.

Então, uma boa noite e até amanhã, quando vamos começar o módulo II.

Cândido.

No **módulo 2 (sobre informação em matéria ambiental)**, ilustrando a atividade inicial proposta, o fórum foi aberto pelo tutor com a seguinte mensagem, que procurava fazer um resumo dos textos e vídeos disponibilizados como leituras obrigatórias do módulo, servindo assim para incentivar a leitura dos materiais pelos alunos e para os estimular ao debate no fórum de atividades do respectivo módulo:

Bem-vindos ao módulo II, sobre informação em matéria ambiental

por Cândido Alfredo Silva Leal Junior - sábado, 20 abril 2013, 20:30

Colegas:

Vamos começar o módulo II, que tratará da informação.

Vocês vão encontrar vários materiais na "sala de aula" do curso. Não se assustem, porque não precisamos esgotar todos os assuntos. Ficam ali como sugestões pra leitura, pra debate ou pra quando precisarem de alguma inspiração pra decidir um processo que envolva informação.

Temos um vídeo-entrevista, feita com o desembargador Vladimir Passos de Freitas, especialmente para o nosso curso. Aqueles que são da 4a Região, conhecem muito bem o Dr. Vladimir, por sua presença constante e seu entusiasmo com a matéria ambiental. Foi dele a proposta para criarmos as Varas Ambientais especializadas aqui na 4a Região, quando era presidente do TRF4. Também dele foi um dos primeiros livros sobre "crimes contra a natureza", quando a temática ainda era desconhecida. Esse livro foi reeditado e constantemente atualizado, sendo hoje uma das referências sobre direito penal em matéria de meio ambiente no Brasil.

No vídeo, vocês vão encontrar vários temas sendo tratados. Vamos nos concentrar nesse módulo naquilo que se refere à informação, deixando o restante para os módulos III e IV, onde voltaremos a tratar daquelas questões relacionadas à participação e ao acesso à justiça.

Depois de assistirem ao vídeo, escolham algum dos materiais do curso para examinar e propor alguma discussão aqui no fórum. Dos materiais opcionais que constam do módulo II, destaco o caso "monocultura do eucalipto", que consta como tema-chave usado para ilustrar esse fórum de discussões (e que a Roxana já examinou com profundidade, 20/4/13, 12h45). O caso é realmente interessante, ainda está em aberto

(porque há recurso pendente de julgamento aqui na 3ª Turma do TRF4), mas teve já sentença proferida pela nossa colega Clarides, que está participando do curso.

A questão é bem interessante, envolvendo contrapropaganda em matéria de meio ambiente, e permitindo reflexões interessantes não apenas sobre o CONTEÚDO do processo, mas também o próprio PROCEDIMENTO utilizado para dar efetividade ao direito ambiental à informação verdadeira.

Realmente, não basta apenas discutir o direito à informação (como se dá, quem tem esse direito, quem pode exercê-lo, quais seus limites, etc) (uma questão de CONTEÚDO), mas também examinar como o juiz pode fazer esse direito efetivo no caso concreto e, principalmente, como restaurar esse direito quando ele tenha sido violado (como determinar a contrapropaganda? o que determinar? que perito nomear? o que perguntar ao perito? como estabelecer a contrapropaganda necessária? etc) (uma questão de PROCEDIMENTO).

Também existe no material complementar um voto do desembargador Maurique, condenando a Monsanto por propaganda enganosa em matéria de transgênicos e também determinando medidas de contrapropaganda. A questão envolvia uma campanha institucional da Monsanto, veiculada aqui no sul, antes dos transgênicos serem liberados e autorizados. Na propaganda, aparecia um pai falando com seu filho, diante de uma lavoura, dizendo que o que era "orgulho" e associando implicitamente a soja transgênica (que na época era plantada por sementes que vinham contrabandeadas para o Brasil de outros países) era melhor que o plantio convencional e que usava menos herbicidas, etc.

Esse voto está sendo reformado pelo TRF4, em embargos infringentes, tendo a 2ª seção recentemente iniciado o julgamento, que ainda não foi concluído. Ainda que não tenhamos uma decisão transitada em julgado, a questão ali proposta é bem interessante e também vale a leitura sobre a questão da contrapropaganda e da propaganda enganosa.

Bom, vamos manter a forma de manifestação no fórum que havíamos adotado com sucesso no módulo I: ou podemos abrir uma nova discussão sobre um novo tópico relacionado à informação ou podemos responder alguma questão proposta pelos demais participantes.

Fiquem à vontade pra participar e trazer as questões para discussão, bastando recordar que nesse módulo II nosso leque de opções é bem variado, olhem quantas coisas interessantes podem ser debatidas:

- acesso à informação presente no Poder Judiciário, abrindo espaço para discussões sobre importância da informação para a decisão, acesso à informação ambiental, papel dos juízes no acesso à informação, proteção do direito à informação, publicidade da informação ambiental, restrições no acesso à informação, sigilo processual, e informações em situações de emergência ambiental;

- relação do Poder Judiciário com a sociedade através dos meios de comunicação, abrindo espaço para discussões sobre fluxo de informações entre sociedade e Judiciário, papel dos juízes quanto à informação, juízes enquanto agentes de educação ambiental, divulgação de notícias ambientais pelo Judiciário, contato com meios de comunicação, meios idôneos de informação ambiental, comunicação com populações vulneráveis;

- acesso a outras fontes de informação ambiental, abrindo espaço para discussões sobre acesso dos juízes à informação relevante, acesso a informações das partes, acesso a informações sobre licenciamento ambiental, acesso a bancos de dados, acesso a informações científicas, e informações na gestão de riscos.

Por exemplo, a questão do contato do juiz com os meios de comunicação já pode render vários frutos para nossos debates.

Entre os juizes brasileiros, não existe muita novidade pra discutirmos, já que geralmente há bastante abertura para essa questão relacionada ao contato com a imprensa em matéria ambiental (a própria constituição federal fala do dever dos poderes públicos contribuírem para educação ambiental e conscientização do público em matéria de meio ambiente - artigo 225 da CF).

Mas os colegas de outros países poderiam dar sua contribuição, apresentando como se dá nos respectivos países esse contato do juiz com a imprensa em matéria de meio ambiente...

É só uma sugestão. Deixo-os à vontade pra escolher os temas. Mas já sabem: se ninguém falar nada na próxima semana, eu vou ter que mandar uma daquelas enormes mensagens, que ninguém vai ter tempo de ler... :-)

Cândido.

Por ocasião do encerramento do segundo módulo, o tutor postou a mensagem que segue, em que procurava resumir os principais tópicos abordados no fórum de atividades ao longo do módulo:

ENCERRAMENTO DO MÓDULO 2 - Tentativa de resumir tantos tópicos sobre informação

por Cândido Alfredo Silva Leal Junior - segunda, 29 abril 2013, 11:01

Pessoal:

Encerramos o módulo 2, que tratou da informação em matéria de meio ambiente.

Meu trabalho aqui, enquanto tutor do curso, foi extremamente tímido por uma razão muito simples: vocês trabalharam muito e fizeram a parte difícil, que era fomentar as discussões e alimentar nosso fórum com questões, dúvidas, comentários, observações sobre o tema da informação em matéria de meio ambiente.

Sabem aquele professor preguiçoso que chegava na sala de aula e dizia pra turma se dividir em grupos, porque fariam um “trabalho em grupo”? E o professor então ficava sentado num canto da sala, lendo jornal e apenas observando o pessoal trabalhar duro nos grupos? Foi um pouco como eu me senti :-)

Brincadeiras a parte, não vou conseguir aqui fazer um resumo completo de tudo que foi discutido e sugerido no fórum do módulo 2, mas quero destacar alguns pontos, pra encerrarmos esse módulo, resumindo o que foi tratado e abrindo caminho, a partir de hoje, pra que continuemos as participações no módulo 3, sobre participação pública.

- CONTATO DO JUIZ COM A IMPRENSA:

Começamos o módulo 2 com minha sugestão de discutirmos o contato do juiz/Judiciário com a imprensa em matéria de meio ambiente (Cândido, 20/4, 20h30):

“Por exemplo, a questão do contato do juiz com os meios de comunicação já pode render vários frutos para nossos debates. Entre os juizes brasileiros, não existe muita novidade pra discutirmos, já que geralmente há bastante abertura para essa questão relacionada ao contato com a imprensa em matéria ambiental (a própria constituição federal fala do dever dos poderes públicos contribuírem para educação ambiental e

conscientização do público em matéria de meio ambiente - artigo 225 da CF). Mas os colegas de outros países poderiam dar sua contribuição, apresentando como se dá nos respectivos países esse contato do juiz com a imprensa em matéria de meio ambiente...”

A partir dessa provocação inicial, vocês praticamente esgotaram o assunto da relação dos juízes com a imprensa, destacando a discussão feita sobre deveres do juiz em relação à divulgação de informações e contato com imprensa/jornalistas:

(1) como se dá essa relação no plano da ética judiciária, considerando que o juiz tem limitações impostas pela legislação da magistratura (no Brasil, a LOMAN), que impede que ele se manifeste sobre processo em andamento ou dê opinião sobre decisão própria ou alheia (Arthur, 21/4, 19h);

(2) foram várias as respostas a essa questão, destacando aqui a participação da Clarides (21/4, 21h50), falando de sua experiência pessoal de contato com a imprensa mediada pelas assessorias de comunicação social dos tribunais (no caso da Justiça Federal, contamos com o Via Legal, lembrado pela Clarides, que presta um trabalho relevante e produz materiais de qualidade, muitos dos quais estamos inclusive utilizando nesse curso);

(3) também o Rafael (22/4, 09h41) lembrou nosso dever de informação ao público, que a perspectiva de juiz enquanto funcionário público possui, e a importância da informação para uma administração da justiça democrática;

(4) eu próprio (Cândido, 22/4, 21h23) tentei apresentar a questão em termos de legislação brasileira, destacando os artigos 36-III da LC 35/79 com o artigo 225-§ 1º-VI da CF/88, que poderiam parecer restringir totalmente o contato do juiz com a imprensa, mas que mereceriam um exame mais atento, permitindo compatibilizar o dever de informação do juiz, e suscitando algumas questões para discussão:

“A questão que o Arthur trouxe (21/4, 19h) é interessante: “como conciliar o contato do juiz com a imprensa em matéria ambiental com a vedação expressa, constante na Lei Orgânica da Magistratura Nacional, de se pronunciar sobre processos em curso?” Para nossos colegas estrangeiros, é importante mencionar que a lei brasileira da magistratura estabelece como vedação do juiz “manifestar, por qualquer meio de comunicação, opinião sobre processo pendente de julgamento, seu ou de outrem, ou juízo depreciativo sobre despachos, votos ou sentenças, de órgãos judiciais, ressalvada a crítica nos autos e em obras técnicas ou no exercício do magistério” (artigo 36-III da LC 35/79). Mas a Constituição Federal assegura o direito ao meio ambiente equilibrado, e estabelece que “para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público ... promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (artigo 225-§ 1º-VI da CF/88). A questão proposta pelo Arthur, que alguns já estão respondendo, exige pensar sobre como conciliar essas questões, fazendo-nos pensar se a função do juiz e do Judiciário está restrita a proferir decisões (prestar jurisdição) ou alcança também divulgar e esclarecer o público sobre essas decisões de interesse público que os juízes proferem (informar o público)? É conveniente que o Judiciário divulgue suas decisões em matéria ambiental? Como pode se dar essa divulgação? Em algumas situações, é possível que o juiz tenha contato direto com a imprensa? Que cautelas tomar nesses casos para não incidir em infração ética ou disciplinar? Que ganhos e que riscos esse contato direto traz para o juiz e para o Judiciário? Ou será que o juiz deve manter silêncio absoluto sobre as questões discutidas em juízo, somente “falando nos autos do processo”?”

(5) a partir de uma proposta de curso para “treinar os magistrados” a se comunicarem com a imprensa (Cândido, 22/4, 21h03), a Roxana (22/4, 22h34) enriqueceu o debate com a experiência e a legislação do Peru, trazendo também à discussão a questão

relacionada à educação ambiental e as cautelas que o juiz deve adotar e os riscos a que fica exposto no contato com a imprensa. O mesmo foi feito pelo Rafael (23/4, 1h58), trazendo as experiências de seu país e a busca de formação completa do magistrado, vendo as coisas além do direito, e o Carlos Manuel (23/4, 12h30), que comparou a situação da legislação do Peru com a do Brasil, mencionando que lá os juizes não teriam tanta abertura para contato com a imprensa, no que foi acompanhado pelo Carlos Manuel (23/4, 17h10);

(6) o João Paulo (22/4, 23h12) fez uma distinção interessante, entre “informar” e “opinar”, dizendo que “o juiz não pode emitir opinião, mas deve, na medida do possível, franquear o acesso à informação”, o que parece uma distinção correta que permite contato com a imprensa sem prejuízo das vedações postas ao juiz brasileiro pela lei da magistratura, inclusive retomando a questão das assessorias de comunicação social dos tribunais, que podem auxiliar na divulgação das notícias e no esclarecimento do público e dos próprios jornalistas;

(7) também o Márcio (23/4, 14h21) reforçou aquela distinção entre o informar e o opinar, acrescentando que o juiz não pode prejudicar o processo a partir de manifestações na imprensa, mas que deveria fornecer informações sobre suas decisões e respectivas consequências, sem perder de vista que vivemos numa “sociedade midiática” que não nos deixa outra alternativa que não aproximar o Judiciário da população;

(8) o Arthur (23/4, 15h05) lembrou a dificuldade de isolar a informação ambiental a um único processo, porque alguns problemas ambientais não aparecem através de uma única ação judicial, que o juiz pudesse tratar isoladamente no contato com a imprensa, mas podem gerar várias outras ações, o que dificultaria para o juiz se manifestar depois da sentença, achando que havia esgotado sua jurisdição e não precisaria retomar o caso, porque outras ações poderiam surgir sobre o mesmo tema;

(9) o Márcio (23/4, 17h32) trouxe sua experiência em lidar com a imprensa em ações de grande repercussão na mídia destacando as cautelas que precisamos ter nesse contato, mas destacando que esse contato é necessário porque quando o juiz não fala outros agentes e órgãos acabam ocupando o lugar e divulgando informações distorcidas:

“Já atuei em alguns casos que geraram muita repercussão na imprensa (operações criminais e matéria eleitoral, quando estava no TRE) e esse foi o caminho que, pelo menos para mim, parecer dar melhores resultados. Inicialmente, eu nada falava, apenas entregava cópia da decisão. O problema é que, quando o juiz não fala, a imprensa vai atrás de quem fale. No crime, por exemplo, o que se via eram declarações do MP, de delegados ou advogados que acabavam distorcendo completamente a decisão, que era interpretada de acordo com os interesses do orador.”

(10) também o Rafael (23/4, 20h36) apresentou uma experiência no contato com a imprensa em ação de interesse público, em que se valeu da assessoria de comunicação social, e colocando algumas questões sobre a presença de jornalistas na plateia das audiências e respectivas restrições, que envolvem um outro lado da informação, não apenas relacionada ao contato do juiz com a imprensa mas com a presença da imprensa nos órgãos judiciários, assistindo audiências de instrução ou sessões de julgamento, por exemplo;

(11) a Roxana (23/4, 21h35) dá sua experiência pessoal em contato com a imprensa em ação de interesse da imprensa, e chama atenção para a expectativa e o interesse do público e da sociedade por informações a respeito de algumas ações que envolvem diretamente a sociedade, como o caso de mineração informal, e a vinculação que pode existir entre o interesse da imprensa e um determinado resultado no processo (favorável a uma das partes):

“o meu caso, como eu mencionei, a expectativa das pessoas, do país e do governo era muito grande, já que era para parar os avanços da informalidade da atividade de mineração na área, que estava fazendo tantos danos à selva mãe de Deus. Muita expectativa, assim como a atividade ilegal, que envolveu a migração de pessoas de fora desagradáveis, crime tinha aumentado, e quase se poderia dizer; tornou-se terra de ninguém. A imprensa estava consciente, havia muitos que apoiaram a mineração informal e alguns não, como disse o Dr. Freitas muitos jornalistas só de olhar para as notícias e vendê-lo a todo custo”.

- PREPARAÇÃO DOS JUIZES POR MEDIA TRAINING:

A Roxana (21/4, 13h14) abriu uma linha interessante de discussão quanto ao contato do juiz com a imprensa, tratando de examinar as cautelas e o preparo que o juiz precisa para enfrentar e se relacionar com a imprensa, quando o contato direto é possível. Foram várias as contribuições de todos, e destaco a ideia de cursos de Media Training para que os juízes recebam em treinamento específico para lidar com a imprensa e com os jornalistas. Ainda que não dê entrevistas, essa habilidade específica de falar com a imprensa e com o público é importante para que nossos magistrados cada vez mais consigam lidar com a informação pública sobre seu trabalho, dando-o a conhecer para os cidadãos e a sociedade.

- BANCO DE INFORMAÇÕES AMBIENTAIS:

Outra discussão interessante sobre o tema surgiu a partir da mensagem do Luciano (22/4, 22h03), mencionando aquelas informações ambientais relevantes que estão em poder dos órgãos de licenciamento e controle ambiental, que entretanto se apresentam de forma dispersa e isolada:

“Quanto ao acesso à informação os próprios órgãos ambientais (integrantes do Sisnama) tem um bom registro de informações que podem ser úteis, a teor do art. 4o. da Lei 10.650/03 (Lei de acesso público e informação). O problema é que as informações são dispersas entre os órgãos ambientais. Ainda assim é possível se valer de boas informações. Já utilizei informações da FATMA (órgão ambiental de SC) como subsídio. Pena que os próprios órgãos ambientais não as utilizem com mais intensidade para subsidiar seus pedidos”.

- TEORIA DO CONHECIMENTO EM MATÉRIA DE MEIO AMBIENTE:

Outra discussão interessante surgiu a partir da mensagem do Rogério (23/4, 14h01), tratando de questões de psicologia e epistemologia do conhecimento, e suas implicações e consequências no direito ambiental e naquilo que é a matéria-prima de trabalho do juiz: os fatos, as provas, o conhecimento, as informações que o juiz precisa para escolher sua “verdade” na hora de julgar. Essa mensagem retoma uma discussão iniciada pelo Paulo e prosseguida por mim no módulo anterior, tratando justamente da dificuldade do juiz escolher suas “fontes de conhecimento” em matéria de informação ambiental, que foram bem trazidos para esse módulo 2, inclusive com contextualização da fala do Dr. Vladimir no vídeo e a separação dos problemas em seus distintos níveis de análise, chamando atenção para a necessidade de um “gerenciamento do conhecimento ambiental”, em que o Judiciário deveria assumir o controle a partir de um corpo técnico qualificado e especializado.

Recomendo a leitura integral da mensagem do Rogério (23/4, 14h01), que não só contextualiza o problema quanto aos materiais e tópicos do curso, mas o trata numa perspectiva geral, a partir dos problemas da conhecimento e da epistemologia.

É interessante o debate que seguiu, que aponta para a necessidade do Judiciário contar com corpo próprio de técnicos, especialistas e peritos, capazes de auxiliar o juiz na seleção das informações verdadeiras e relevantes que necessita para decidir. Por

exemplo, o Arthur (23/4, 15h26) refere que o Ministério Público Federal conta com esse corpo de especialistas. A Roxana (23/4, 21h50) fala da dificuldade de saber ou escolher qual dos relatórios apresentados por diversos especialistas seria o correto e a possibilidade de adotar a experiência e a intuição como guias do juiz nessas escolhas. O Rafael (24/4, 15h59) lembrou a multidisciplinariedade que o direito ambiental envolve, inclusive em alguns processos exigindo a “importação” de técnicos de outros países para conseguir dar conta de problemas, mas também salientando a importância da internet para buscar informações. O Luciano (24/4, 21h53) lembrando a multiplicidade de perspectivas e fontes de informação, que muitas vezes torna das informações contraditórias e difíceis de selecionar. O Alexandre (25/4, 15h21) sugerindo a criação de um órgão de auxílio judicial em matéria ambiental, que por enquanto poderia ser feita através de banco de boas práticas em jurisdição ambiental. O Edgard (26/4, 7h04) lembrando outras fontes de informação, como a consulta a comunidades indígenas e o recurso a princípios jurídicos, e chamando atenção para a importância de um Código Iberoamericano de Direito Ambiental.

O Paulo Canabarro (26/4, 18h15) chamou atenção para o problema do livre convencimento não poder se transformar em algo mais forte que o próprio conhecimento, não servindo a impressão ou empatia gerada na mente do juiz servirem de justificação para escolhas judiciais. Realmente, é muito importante que o juiz consiga se manter fiel a fontes confiáveis de informação e não deixe que seu livre convencimento o “convença” a superestimar a “imedição e os autoenganos da intuição”, ficando refém “do excesso de confiança na própria experiência”:

“Apenas enfatizo que minha sugestão de debate sobre o problema da confiabilidade das fontes se situa no contexto da justificação (processo racional de validação de um enunciado), não no contexto da descoberta (processo psíquico). O modo pelo qual a informação efetivamente chega à cabeça do juiz, além de ser incontrolável, não passa de um fenômeno químico-neural, que nada diz sobre a correção ou aceitabilidade de tal informação. Ao dever de fundamentação judicial cumpre, então, ainda que indiretamente, exercer um certo papel epistemológico, propiciando a retroatuação das razões (justificação) ao próprio momento da tomada da decisão ou obtenção do conhecimento (descoberta). Esse crivo de racionalidade é indispensável para o autocontrole judicial dos preconceitos, vieses e impulsos que formam a pré-compreensão do intérprete. Nesse sentido, mesmo a avaliação da credibilidade de uma fonte de prova (se o perito ou a testemunha estão de boa-fé, como no teu exemplo), não deveria ser tratada sob uma ótica de ordem psíquica. Ao menos, não pelos operadores do direito. O chamado “sexto sentido” ou “terceiro olho” (inacreditavelmente citado no discurso de posse do Min. Carlos Brito na presidência do STF!) é assunto para a literatura mística. A impressão ou empatia gerada na mente juiz não podem ser sindicáveis intersubjetivamente, logo não servem de justificação a uma escolha judicial. No meu livro (Direito à não autoincriminação e direito ao silêncio, Liv. Advogado, 2009, pp. 168-9) trato dessas questões relativas à distorção do chamado “princípio do livre convencimento”, dentre elas o vício de superestimação da “imedição” e os autoenganos da intuição e do excesso de confiança na própria experiência.”

- CODIGO IBEROAMERICANO DE DIREITO AMBIENTAL:

Muito interessante a menção a Código Iberoamericano de Direito Ambiental, feita pelo Edgard (26/4, 7h04) e a importância que isso teria para definir princípios gerais em matéria de meio ambiente: “Considero que se necesita con urgencia, promulgar el Código Iberoamericano de Derecho Ambiental. El Código iniciaría con un Titulo Preliminar de principios fundamentales. Dicho instrumento procesal, ayudaría bastante para aproximarse a la verdad y a la justicia ambiental”.

- MARKETING ECOLÓGICO E PUBLICIDADE AMBIENTAL:

O Paulo Canabarro (28/4, 18h16) também trouxe uma discussão interessante, sobre a questão da publicidade ambiental e o cabimento de tratar a matéria na perspectiva do direito do consumidor, com as respectivas normas relacionadas à publicidade ambiental enganosa e vinculatividade da publicidade ambiental.

Sobre isso, é interessante a leitura do voto do desembargador Maurique (TRF4), que consta como material complementar; relativamente à propaganda de soja transgênica, feita pela Monsanto, que está em discussão na 2ª Seção do TRF4. O voto do Maurique foi reformado em embargos infringentes, absolvendo a Monsanto da imputação de publicidade enganosa e a dispensando da contrapropaganda (votou vencido, reconhecendo a responsabilidade pela propaganda enganosa). A discussão da questão é bem interessante e quando os votos estiverem disponíveis, vou disponibilizar o acórdão aqui no curso, porque o caso trata exatamente desses limites entre o que a empresa pode e o que não pode anunciar. Ela fez uma propaganda muito sutil, mas que entendi estar exatamente na linha mencionada pelo Paulo (apenas me faltou a inteligência do Paulo pra argumentar tão bem... Ah, se eu tivesse feito esse curso há mais tempo, teria excelentes argumentos pra colocar no meu voto...).

Uma das defesas da Monsanto é que a publicidade não era “comercial”, mas “institucional”, ou seja, ela não queria vender o produto, mas apenas criar uma imagem simpática no público. Na época, os transgênicos eram proibidos e mesmo a propaganda sendo “institucional” entendi que estava justificada a condenação da Monsanto porque a propaganda tinha finalidade comercial, ainda que não direta. Ela não queria fazer filantropia, educação, conscientização pública, etc. Ela queria vender seu produto, direta ou indiretamente. Mas fiquei vencido.

Ainda convém destacar a discussão havida quanto ao estudo de caso proposto no módulo (ação da Vara Ambiental sobre monocultura do eucalipto e contrapropaganda), que foi detidamente analisada pela Roxana (20/4, 12h45) e comentada por vários participantes. Isso foi bem interessante, porque é um caso concreto muito significativo do que a informação de qualidade e uma prestação jurisdicional qualificada pode fazer para a justiça ambiental e para melhoria da informação disponível à sociedade e aos cidadãos.

- NOSSO CURSO COMO FONTE DE INFORMAÇÃO AMBIENTAL:

A Clarides (27/4, 20h44) destacou a importância da verdade real na tutela dos interesses difusos, e a importância da discussão entre os juizes e a troca de experiências para melhorar o nível de informação ambiental de cada um:

“Em suma, é isso que mais está me deixando empolgada no presente curso, teorizar e sistematizar o que, na prática, estou tentando exercer da melhor forma possível: jurisdição em questões ambientais. Práticas estas que, com certeza, serão, em muito, aprimoradas, a partir da rica troca de experiências que este Curso está proporcionando”.

Realmente, o juiz precisa da informação e da troca de informação para prestar uma boa jurisdição, não só dizendo essa informação com fontes externas de conhecimento (técnicos, especialistas, etc), mas também podendo se referir a práticas e experiências adotadas para problemas semelhantes por outros juizes, e um fórum de discussão como esse que conseguimos aqui no curso é ferramenta importante para qualificar a informação ambiental do juiz e conseqüentemente melhorar suas decisões.

- EDUCAÇÃO AMBIENTAL:

A Maria Cândida (28/4, 14h32) faz uma interessante comparação em ver nosso problema de perto e ver nosso problema de longe, numa perspectiva global e geral, como foi quando os homens viram a Terra do espaço pela primeira vez. Essa visão

geral é importante e só a conseguimos quando partilhamos informação e experiências, uns com os outros. O que vemos nem sempre depende apenas do que estamos observando (do objeto, da coisa em si), mas também de quem está observando, do nosso ponto de vista, da nossa perspectiva (do sujeito). Então parece que quanto mais qualificado for o observador, mais qualificadas serão as informações que este observador (qualificado) vai conseguir extrair da coisa observada. Ou seja, é importante e imprescindível que o juiz que trata de meio ambiente consiga ter uma visão qualificada das coisas, a partir das múltiplas perspectivas que o mundo e a sociedade permitem e possuem. Não basta olhar o mundo apenas com olhos de meio ambiente, não basta olhar o mundo apenas com olhos de comércio e desenvolvimento. É preciso conseguir olhar o mundo a partir de múltiplas perspectivas, capazes de dar conta das diversas perspectivas de todos os demais habitantes desse nosso mundo, inclusive daquelas gerações que ainda estão por nascer.

- CONTATO DO JUIZ COM AS COMUNIDADES LOCAIS:

Outro enfoque que pode ser dado à informação, e que já antecipa o que trataremos no próximo módulo (juiz e participação pública), se refere ao que trouxe o Ricardo (28/4, 5h28), trazendo notícia do projeto "Justiça na sua Comunidade", adotado no Peru e detalhado na mensagem do Ricardo. Aqui também está em jogo a informação, porque esse contato do juiz com a comunidade envolve levar informação à comunidade e buscar conhecer essa comunidade, o que com certeza aprimora o serviço judiciário porque leva aos cidadãos a informação e aprimora a cognição do juiz com matérias importantes, relacionadas à vida das comunidades. Não podemos esquecer que em ecologia se prega que "pense global, aja local", ou seja, há um trabalho "formiguinha" nas comunidades que é importante ser feito. Muitos problemas são locais, com repercussão direta sobre a vida das pessoas daquela comunidade.

- MANUTENÇÃO DO GRUPO DE DISCUSSÃO APÓS O CURSO:

O Arthur (24/4, 11h31), com apoio de vários outros, sugere que o grupo de discussão seja mantido após o curso. Se vocês olharem a proposta deste curso, apresentada no projeto do grupo de trabalho da Cumbre Judicial Iberoamericana, vocês poderão observar que esta é uma das propostas de continuidade do trabalho, mantendo uma rede de juízes iberoamericanos interessados na matéria de meio ambiente. Como há previsão de outra turma desse curso, em espanhol, teríamos inclusive possibilidade de colocar mais interessados na lista e um universo maior de participantes. Somos poucos nesse curso, e as discussões já são bem proveitosas. Imagina se fossem mais juízes, de mais países, o que poderíamos fazer e discutir em termos de meio ambiente? A observação do Arthur é bem pertinente e vou inclui-la no relatório desse curso, a ser apresentado para a Cumbre, avaliando o trabalho. Por ora, destaco que será importante, no final do curso, que todos participem da avaliação do curso, fazendo críticas e sugestões para melhorar o modelo do curso e inclusive para que a Cumbre implante e encampe propostas como essa do Arthur, e que também partilho, de criarmos uma rede permanente de juízes iberoamericanos de direito ambiental.

- CONCLUSÃO:

Como podem ver, falei bastante, mas não consegui esgotar todos os temas tratados no módulo. Alguns tópicos e muitas mensagens, alguns dos quais bem interessantes, ficaram de fora do meu comentário porque já escrevi bastante e porque desisti de dar conta de tudo. A discussão foi muito rica e muitas ideias foram debatidas, e acredito que os objetivos desse módulo foram cumpridos.

Peço desculpas por esse resumo tão superficial e grosseiro, mas acho que está no hora de começarmos o módulo 3, tratando dos temas da participação pública em matéria de meio ambiente, naquilo que isso interfere e envolve o juiz na jurisdição e na gestão de questões ambientais.

Apenas saliento a todos a importância, no final do curso, de participarem e responderem a pesquisa de avaliação sobre o curso, inclusive apresentando críticas e sugestões para prosseguir e melhorar as próximas edições, o que então será levado ao conhecimento da Cumbre Judicial Iberoamericana, para avaliação da importância desse projeto e do curso.

Aguardo vocês no módulo 3, que em breve estará aberto para novas discussões.

Cândido.

No **módulo 3 (sobre participação pública em matéria ambiental)**, a mensagem com que o tutor abriu o fórum de atividades, apresentando os materiais disponíveis naquele módulo e chamando os alunos para discutirem a questão da participação pública em matéria de meio ambiente, foi a seguinte:

Ambiental ou Socioambiental?

por Cândido Alfredo Silva Leal Junior - domingo, 28 abril 2013, 20:41

Colegas:

Após terem assistido ao vídeo e lido o texto, vamos começar nosso módulo refletindo sobre esta questão:

"O que você acha do direito socioambiental? A perspectiva ambiental pode andar sozinha? Ou ela está cada vez mais envolvida com os aspectos sociais, a ponto de falarmos de questões socioambientais? Você já decidiu ou enfrentou alguma questão socioambiental em seu ofício jurisdicional?"

Aguardo vocês aqui no fórum, partilhando experiências e trocando perspectivas.

Cândido.

Optou-se aqui por uma mensagem de abertura que fosse breve (módulo 3) porque várias questões ainda tinham ficado pendentes de discussão no fórum de atividades do módulo anterior (módulo 2). Aliás, a longa extensão da mensagem de encerramento desse módulo 2, antes transcrita, comprova as múltiplas perspectivas que foram debatidas naquele módulo. Por isso, ao tutor parece conveniente iniciar o próximo (terceiro) módulo com uma questão única, permitindo assim aos participantes assimilarem e encerrarem os tópicos ainda pendentes no módulo anterior.

Ainda que a mensagem de abertura desse terceiro módulo tivesse sido breve, os debates foram bastante produtivos e abrangeram também múltiplas perspectivas e variados aspectos da questão relacionada à participação em matéria de meio ambiente e suas relações com juízes e Poderes Judiciários, como se percebe da mensagem do tutor para encerramento desse terceiro módulo:

Encerramento do módulo 3, sobre participação em matéria de meio ambiente

por Cândido Alfredo Silva Leal Junior - quinta, 9 maio 2013, 08:46

Pessoal:

Estamos terminando o módulo 3, que tratou da participação em matéria de meio ambiente.

Como sempre, as discussões aqui foram relevantes e abrangeram diversos aspectos da questão. Como sempre, e agradeço muito por isso, todos participaram e deram uma importante contribuição para o debate e para a troca de experiências, cada um trazendo sua contribuição pessoal para que todos pudessem aproveitar, aprender e pensar os conceitos envolvidos.

Não vou mencionar todas as participações, porque foram muitas e estamos ansiosos para ir em frente, tratando do acesso à justiça no próximo módulo do curso. Mas faço apenas um breve apanhado de temas e temáticas que foram abordadas ao longo do módulo 3:

Começamos com a entrevista da desembargadora Marga Tessler, presidente do TRF4, falando um pouco da experiência da Justiça Federal da 4a Região em matéria de meio ambiente e apresentando o nosso projeto socioambiental da 4a Região, que inclusive foi apresentado na Rio+20. Esse projeto mostra que os juízes não tratam de meio ambiente apenas quando decidem (jurisdição), mas também quando administram (gestão). A participação socioambiental dos tribunais é cada vez mais importante e cobrada pela sociedade, e por isso foi importante o caso apresentado a partir do TRF4 e da Justiça Federal da 4a Região.

A partir dessa experiência, destaquei no fórum de discussões um dos projetos de responsabilidade social, que envolveu a Vila Chocolatão e seu reassentamento, com projeto de sustentabilidade e fruto da ação e iniciativa de vários órgãos públicos e sociais aqui de Porto Alegre (com participação do TRF4), trazendo um vídeo do Via Legal sobre "dignidade para nossos vizinhos - Nova Chocolatão".

Junto com o vídeo, trouxe um texto de Mariana Almeida Passos de Freitas sobre direito socioambiental e a pergunta de abertura do fórum sobre "o que você acha do direito socioambiental? A perspectiva ambiental pode andar sozinha? Ou ela está cada vez mais envolvida com os aspectos sociais, a ponto de falarmos de questões socioambientais? Você já decidiu ou enfrentou alguma questão socioambiental em seu ofício jurisdicional?"

Felizmente, vários responderam a pergunta (tivemos 38 participações só nesse tópico do fórum!), discutindo em minúcias as implicações dessa relação entre o social com o ambiental, entre o homem com o ambiente, entre a civilização com a natureza. Não vou tentar resumir tudo aqui, mas apenas menciono que foi tratada a questão terminológica envolvida, as opções e as implicações possíveis de tratar apenas do direito ambiental ou de transformá-lo num direito socioambiental (Anderson, 30/4, 16h58).

Também foram mencionadas experiências e projetos realizados na área socioambiental pelo Poder Judiciário, com destaque à participação do então presidente do TRF4, desembargador Vladimir Passos de Freitas (que nos brindou com uma entrevista no módulo 2) (Silvia, 29/4, 22h12).

O Paulo (30/4, 18h08) nos trouxe uma charge provocativa, envolvendo a questão da pobreza e dos alimentos transgênicos. O Dimis (30/4, 20h) trouxe suas experiências e vivências da Região Amazônica (aliás, a participação do Dimis sempre causa inveja pelos exemplos que traz, fico a ler suas sentenças e a pensar na riqueza de sua contribuição e das causas que surgem naquela região distante aqui do Sul, como foi o caso do habeas corpus para participação nas comemorações do Descobrimento do Brasil, entre outros). A Roxana (30/4, 23h04) trouxe sua experiência no interior do Peru. A Clarides (30/4, 23h11) também trouxe suas vivências aqui na região

metropolitana de Porto Alegre. A Ana Inês (3/5, 17h51) recordou o que se fez em termos de Vila Chocolatão e da participação do TRF4 na Rio+20, ela que é líder do projeto socioambiental da JFRS. A Maria Cândida (5/5, 20h38) falou de novo paradigma ecocêntrico, que imediatamente nos levou a pensar na Pachamama, da qual trouxe um recente texto do mestre Zaffaroni (5/5, 22h30), que traz interessantes ideias sobre a existência de um direito à natureza e nos leva a pensar um pouco mais sobre os princípios norteadores de nossas ações e decisões, e por aí vai. O Edgardo (7/5, 4h37) nos brindou com um detalhamento da crença na Pachamama e depois lembrou da importância dos Pueblos originarios (8/5, 8h20) e seus conhecimentos que não podem ser perder no tempo.

Desculpem todos, mas não vou conseguir referir nem resumir tantas contribuições preciosas, porque tudo isso que mencionei até agora (e o outro tanto que deixei de mencionar) estavam naquelas 38 mensagens do primeiro tópico do fórum de discussões do módulo. Ainda temos mais de dez tópicos abertos no mesmo módulo pra comentar!!! É impossível ser tutor de vocês, porque não dá tempo nem sobra espaço pra lidar com tanto e precioso material que foi trazido!!

Que mais foi tratado? O João Paulo (2/5, 23h29) abriu uma discussão importante sobre *amicus curiae* e sua iniciativa probatória, questionando se o *amicus curiae* teria os mesmos poderes quanto à produção de provas que as partes teriam? E lá constaram diversas respostas e contribuições.

O Ricardo (7/5, 20h31) também tratou do *amicus curiae*, apresentando a questão a partir da perspectiva de solução para permitir participação pública em processos ambientais, destacando algumas normas e regulamentações sobre a matéria, concluindo que o fortalecimento desse instituto contribuiu para participação e legitimação da justiça ambiental, com aportes e contribuições dos outros participantes.

O Marcio Jonas (2/5, 9h49) retomou a questão das audiências públicas, que já havíamos referido no início do curso, fazendo indagações interessantes sobre a condução desse tipo de audiência e as soluções para dar conta de problemas que poderiam surgir, no que foi prontamente respondido, inclusive por mim que trouxe um vídeo do Mickey Mouse como "Aprendiz de Feiticeiro" (3/5, 12h55), o que me pareceu apropriado pra retratar o que pode acontecer no processo quando nós, juízes, perdemos o controle da situação por termos tentado inovar com uma ferramenta que não funcionou ou não foi bem utilizada. E exemplifiquei com situações em que tentam transformar a instrução probatória da ação civil pública numa investigação própria de inquérito civil público, inclusive com caso concreto enfrentado na Vara Ambiental e confirmado pelo TRF4. Claro que a minha não foi a única participação, e que vários contribuíram com observações, comentários e sugestões para dar conta do problema que o Marcio havia suscitado.

O Paulo Canabarro (6/5, 16h21) trouxe uma importante discussão sobre o mercado de carbono e a efetiva utilidade desse conceito para proteção do ambiente, ao que acrescentei (Cândido, 6/5, 21h59) a discussão sobre o princípio "quem polui paga" e necessidade de avançarmos para "quem polui, deve despoluir custe o que custar", evitando assim a mercantilização da natureza e a fixação de um preço que pode ser impunemente pago por quem quer poluir. E o Alexandre (7/5, 14h40) acrescentou que a ideia deixa de ser um "quem polui paga" pra virar um "quem paga polui", o que certamente não é benéfico ao meio ambiente. O Márcio Luiz (7/5, 15h23) trouxe aspecto interessante, relativo à mercantilização da floresta e os efeitos que isso teria sobre os povos indígenas.

A Maria Cândida (5/5, 20h50) lembrou sobre as compras verdes, com a previsão nos editais de órgãos públicos de estímulos à aquisição de produtos sustentáveis, tendo o Rogério (6/5, 8h57) acrescentado sobre a importância de licitações que envolvessem projetos de sustentabilidade.

A Vila Chocolate foi tratada também pelo João Paulo (1/5, 12h38), dando seu depoimento sobre o que sentiu ao assistir ao vídeo, com posterior contribuição da Ana Inês (3/5, 18h19) e minha (Cândido, 1/5, 18h06) sobre o projeto do TRF4 e a Vila Chocolate. A Ana Inês, aliás, dá um depoimento de quem participa de perto do projeto e conhece suas dificuldades e sua realidade.

O Dimis não contribuiu apenas com decisões, mas também com gestão e administração (30/4, 20h11), trazendo uma "portaria ecológica" e mostrando a fonte de impressão que economiza recursos naturais. Como eu disse, os juizes não contribuem apenas em questões de jurisdição, mas também de gestão, o que foi testemunhado por diversas manifestações dos colegas adotando a proposta do Dimis.

O Rogério (1/5, 20h34) trouxe as resoluções do CNJ, tratando de planejamento estratégico e nele incluído a responsabilidade socioambiental. Obrigado pela contribuição, Rogério, porque eu havia esquecido de inclui-las no material do curso e realmente essas resoluções são importantes para discutirmos participação nos órgãos judiciários e sua responsabilidade socioambiental. Como sempre, vários contribuíram para discutir essa questão, inclusive com limitações e mudanças de rumo que essa normatização nacional provoca nos tribunais locais (veja-se o depoimento da Ana Inês, 3/5, 18h30, mostrando como isso acabou limitando nosso projeto socioambiental aqui na JFRS).

Temos ainda a Priscilla (1/5, 21h54), falando das nossas dificuldades enquanto "juizes locais" e o exemplo que podemos seguir e proporcionar. Tomei a liberdade de explicar, então, a diferença entre o "juiz local" e o "juiz nacional" (2/5, 20h35), mostrando o quanto o juiz ideal (previsto pelos organismos internacionais e discutido nos grandes congressos e eventos de direito ambiental) está distante de nós, juizes de carne-e-osso, que prestamos jurisdição num nível "local". E o quanto nós, juizes locais, podemos fazer quando consideramos o princípio ecológico do "pensar global, agir local". Claro que nesse tópico vários trouxeram suas preciosas experiências locais, confirmando a importância que nós, juizes locais, temos para fazer a diferença em matéria de meio ambiente e jurisdição.

Finalmente, menciono o tópico aberto pela Clarides (1/5, 23h17), apresentando um caso concreto que envolve participação pública em ação civil pública, e a dificuldade de formalizar isso processualmente. Tratava-se de uma ACP envolvendo questão de interesse coletivo, com necessidade de intervenção da Associação de Pescadores para acompanhar o processo. E aqui tenho certeza que as dúvidas da Clarides foram respondidas e soluções criativas foram encontradas, inclusive com base legal, por diversos dos participantes do curso, todos nos brindando com sua contribuição para o problema.

Bom, são 8h da manhã, tive que acordar cedo pra terminar o módulo 4, que vai tratar do acesso à justiça, e para preparar esse tópico de encerramento do módulo 3. O trabalho de tutor é fácil, porque vocês participam muito e enriquecem o curso. Mas é difícil porque não consigo dar atenção a todas as mensagens. Queria ter resumido aqui todas as mensagens, não deixando nenhum participante de fora e não perdendo nenhuma das precisas manifestações. Mas simplesmente não consegui porque só nesse módulo foram mais de 84 mensagens (e o módulo ainda não encerrou, em breve devemos ter mais contribuições). Só nesse módulo foram 84 mensagens! Embora eu leia tudo, não consegui resumir tudo aqui. Peço desculpas se esqueci ou omiti algo importante, mas sei que vocês vão me desculpar e relevar minhas falhas.

Afinal, amanhã encerra este módulo e começa o módulo 4, com novos materiais e com novas discussões. Agora, trataremos do acesso à justiça. Este, afinal, é nosso chão, é o chão dos juizes. A nós cabe julgar e garantir o acesso à justiça. Amanhã estaremos discutindo essas questões no nosso último módulo, e para tanto vamos apresentar um estudo de caso interessante, que envolve jurisdição ambiental: um caso difícil aqui da

4a Região, em Santa Catarina, sobre degradação causada pela extração de carvão mineral e a recuperação da área degradada. Não estaremos falando em tese do problema, mas de um caso concreto que já teve fase de conhecimento (sentença, acórdão do TRF4 e depois do STJ), e agora se encontra na fase de execução do julgado.

A propósito, como juiz ambiental eu saia que "decidir é fácil, o difícil é executar e fazer efetiva a decisão". Pois bem, esse caso da ACP do Carvão mostrará o quanto foi difícil decidir a questão (participação do desembargador Paulo Afonso), mas também o quanto está sendo difícil executar o julgado (participação do juiz Marcelo Cardozo).

Até breve então, no módulo 4.

Cândido.

No **módulo 4 (sobre acesso à justiça em matéria ambiental)**, foi esta a mensagem de abertura do fórum de atividade pelo tutor:

Abertura do Módulo 4 - Boas vindas ao desembargador Paulo Afonso e ao professor Clodomiro

por Cândido Alfredo Silva Leal Junior - sexta, 10 maio 2013, 21:21

Colegas:

Chegamos ao último módulo do nosso curso, aquele que trata diretamente da questão do acesso à justiça e do que nós, juízes, podemos e devemos fazer em relação ao meio ambiente.

O tema escolhido para início dos nossos debates é muito interessante: a "ação civil pública do Carvão", que tratou da recuperação dos danos causados pela extração do carvão na região de Criciúma, em Santa Catarina.

Existem alguns vídeos do Via Legal, apresentando a região, o problema e seu histórico (como "leitura obrigatória" do módulo 4), que darão uma ideia do problema e permitem pensar em termos de meio ambiente e acesso à justiça.

E aqui, no fórum de discussão, vocês encontrarão uma entrevista com o desembargador Paulo Afonso Brum Vaz, que foi o responsável pela sentença no início de 2000, começando a fazer efetivo um direito e cumprido um dever que está destacado na Constituição Federal: "Aquele que explorar recursos minerais fica obrigado a recuperar o meio ambiente degradado, de acordo com solução técnica exigida pelo órgão público competente, na forma da lei" (artigo 225-§ 2º da CF).

A sentença, depois confirmada pelo TRF4 e pelo STJ, também está destacada abaixo, com os respectivos acórdãos do TRF4 e STJ. Há também um link para o "Portal da ACP do Carvão", onde os atuais juízes de Criciúma vem adotando medidas e providências para cumprimento da sentença e execução do julgado. E um texto do juiz federal Marcelo Cardozo da Silva, cuidando da execução da sentença e trazendo dados relacionados ao cumprimento da sentença. Ou seja, temos aqui o juiz que terminou a fase de conhecimento do processo (desembargador Paulo Afonso) e o juiz federal que iniciou a fase de cumprimento da sentença (juiz Marcelo). Experiências ricas em matéria de jurisdição ambiental.

Tudo isso mostra que os problemas ambientais não são fáceis de serem resolvidos. Que demandam tempo, exigem recursos e, principalmente, somente podem ser adequadamente enfrentados quando há dedicação dos juízes e dos agentes públicos e

sociais envolvidos no enfrentamento do problema. Não basta apenas informação e participação, temas tratados nos módulos 2 e 3, mas também precisamos de juizes e de acesso à justiça para dar conta desses problemas ambientais.

A entrevista do desembargador Paulo Afonso, dando um depoimento que nos remete às dificuldades e às soluções que encontrou na época para lidar com o problema, é uma importante fonte de inspiração para mostrar o quanto nosso trabalho enquanto juizes é muito importante e é essencial para devolver à vida das comunidades e dos habitantes de uma determinada região a esperança de um dia viverem (ou voltarem a viver) num ambiente saudável e hígido.

Esse exemplo da "ACP do Carvão" servirá para discutirmos várias questões relacionadas ao próprio papel do juiz enquanto agente público que pode contribuir para fazer efetivo o direito constitucional do artigo 225 da CF, especialmente quando assistimos aos vídeos e à entrevista, quando lemos as decisões judiciais a respeito, e quando percorremos o "Portal da ACP do Carvão", percebendo então que o problema não era fácil de resolver mas que com a participação dedicada dos nossos juizes foi possível começar a encontrar soluções.

Bem, assistam aos vídeos e leiam os materiais, e então venham para nosso último fórum de discussões, debatendo essas e outras questões relacionadas ao meio ambiente e ao acesso à justiça. Agora nós, os juizes, seremos os protagonistas do módulo, que trata justamente do que fazemos diariamente em termos de acesso à justiça e prestação da jurisdição em matéria de meio ambiente.

Aproveito também para dar as boas-vindas aos nossos convidados especiais nesse módulo, que estarão participando dos debates do fórum de discussão, desembargador Paulo Afonso Brum Vaz e professor Clodomiro José Bannwart Júnior. O professor Clodomiro já contribuiu no módulo anterior, sobre participação, trazendo argumentos teóricos e filosóficos para auxiliar a compreender o problema. E o desembargador Paulo Afonso participa agora desse módulo sobre acesso à justiça, trazendo sua experiência prática no enfrentamento da questão relativa ao carvão.

Vocês já sabem como funciona o fórum de discussão. Leiam os materiais, assistam aos vídeos, e bom debate a todos nós.

Cândido.

Durante esse quarto módulo, surgiu oportunidade de utilizar o caso prático relacionado à ACP do Carvão para identificar alguns pontos importantes de serem destacados na atuação dos juizes em matéria de meio ambiente, que dizem respeito à sensibilidade e à criatividade que se precisa para que o juiz consiga direcionar sua atuação para realização da justiça em matéria de meio ambiente. Destaco essa mensagem postada pelo tutor durante esse quarto módulo:

Sensibilidade e criatividade para os juizes

por Cândido Alfredo Silva Leal Junior - terça, 14 maio 2013, 10:16

Colegas:

O Rogério resumiu bem: a ACP do Carvão não é apenas uma "sintetização" dos três eixos do princípio 10, mas também é sua concretização prática.

Aproveito pra recomendar a leitura de um dos capítulos do livro do Min. Lorenzetti, da Argentina, (se não o livro todo...), que trata exatamente dessa questão relativa ao cumprimento das decisões em matéria ambiental.

Está no material complementar: - Capítulo do livro "Teoría del Derecho Ambiental", de Ricardo Luis Lorenzetti, sobre o cumprimento obrigatório das normas ambientais, abordando questões relacionadas a decisões sobre bens coletivos, processos sobre bens coletivos e a medidas judiciais de implementação daquelas decisões, entre outras questões.

Com essa base doutrinária e o exemplo prático da ACP do Carvão, podemos perceber o quanto é importante que os juízes tenham sensibilidade e criatividade pra lidar com a questão ambiental.

Sensibilidade é importante pra percebermos o problema, enquanto juízes. No meio de tantas matérias que o "juiz local" precisa enfrentar, alguma delas tão urgentes e com cobrança direta pelas pessoas que demandam no balcão da vara judiciária, é preciso que o juiz se mantenha sempre atento e SENSÍVEL a conseguir identificar no meio de tantas ações importantes e urgentes também aquelas que são importantes não apenas para o momento presente, mas também para as gerações futuras. Como vimos, uma ação previdenciária ou de direito do trabalho pode envolver um problema ambiental bem grave, envolvendo por exemplo poluição ou contaminação de mananciais de água, de pessoas, do próprio solo. Uma ação de família ou uma discussão sobre partilha de bens pode envolver um problema ambiental grave, relativo ao uso da terra ou ao corte de árvores. Até mesmo uma execução fiscal, que parece sem vida, pode conter um problema ambiental sério, estando a penalizar um infrator ambiental ou, quem sabe, contendo elementos probatórios relevantes para instruir um inquérito civil público ou para motivar as autoridades a agir. Por isso, é preciso que nós, juízes, estamos sempre atentos e tenhamos essa consciência ambiental permeando nossa atuação, para o que se exige de nós SENSIBILIDADE para compreender a grandiosidade e a importância do problema ambiental.

Ao mesmo tempo só sensibilidade não nos basta. É preciso que tenhamos, ao lado disso, também CRIATIVIDADE para encontrar no ordenamento jurídico e nas ferramentas do devido processo legal, da lei e do direito, as soluções e as formas para resolver e dar conta daquelas problemas ambientais. Não podemos ser criativos além do que a constituição nos permite. Não podemos ser criativos a ponto de ignorar os outros direitos e as outras perspectivas, também importantes, que devem sempre por nós ser consideradas. Mas precisamos ser criativos pra conseguir dar corpo legal e jurídico àquela sensibilidade que mencionei antes, pra que consigamos fazer justiça ambiental, o que não é o mesmo que decidir de forma arbitrária, parcial ou comprometida com apenas este ou aquele princípio jurídico. O direito como um todo deve ser considerado, as leis são importantes, a vontade do juiz não é capricho nem pode dar margem a decisões arbitrárias e parciais. Pelo menos, é como eu penso.

E acredito que os bons exemplos tratados durante esse curso, junto com a capacidade de argumentação e de construção de decisões bem fundamentadas, amparadas em preceitos constitucionais, em regras do direito positivo, em princípios do direito e da convivência entre os povos, fornece ao juiz que não é preguiçoso e que se dedica aos problemas que lhe são apresentados uma série de possibilidades e ferramentas que farão com que sua decisão seja produto de um processo dialético, conversado e discutido com as partes e com os demais agentes políticos e sociais que eventualmente venham ou sejam chamados a participar naquele processo.

Vimos, ao longo dessas semanas, que o Princípio 10 da Declaração do Rio e seus três eixos (informação, participação, e acesso à justiça) fornecem ferramentas e recursos argumentativos muito importantes para que os juízes locais construam suas decisões e apresentem fundamentações racionais e razoáveis para essas decisões, mostrando que

o processo de tomada de decisões não é fruto apenas da vontade ou da concepção de mundo deste ou daquele juiz, mas envolve um olhar para o passado (experiências) e para o futuro (esperanças) daquela comunidade em que a decisão irá interferir, decidindo então no presente da forma que seja mais apropriada e prudente, sempre a partir do que foi produzido no processo.

Esse módulo 4 trata do acesso à justiça, isto é, trata exatamente do que fazemos todos os dias quando recebemos uma petição inicial, quando lemos uma contestação, quando deferimos uma prova pericial ou autorizamos a inquirição de testemunhas, quando requisitamos documentos relevantes para o processo, quando enfim julgamos e proferimos nossas sentenças, decisões e votos.

É importante estarmos cientes de tudo isso quando assinamos uma decisão, percebendo que ali está uma importante contribuição para um mundo mais justo e melhor, sem nunca esquecer de que é nosso dever fazer com que essa contribuição não seja apenas nossa, arbitrária ou caprichosa, mas seja fruto de um pensar, de uma reflexão feita não apenas por nossa consciência, mas também com participação de todos os interessados, nas formas do devido processo legal.

Bom, ainda temos bastante tempo pela frente pra outras discussões sobre nosso fazer judiciário diário. Vamos em frente.

Cândido.

Esse quarto módulo foi encerrado com a seguinte mensagem do tutor:

Encerramento do módulo 4

por Cândido Alfredo Silva Leal Junior - sábado, 18 maio 2013, 14:59

Prezados Colegas:

Ainda temos mais alguns dias de curso, mas o módulo 4 está chegando ao fim.

Nesse módulo 4 foi tratada a temática do acesso à justiça em matéria de meio ambiente, e muitas coisas interessantes foram discutidas, a partir do estudo de caso proposto sobre a ACP do Carvão e a questão da recuperação da região carbonífera de Criciúma (SC).

Apenas para lembrar, começamos o módulo com apresentação de vídeos do programa Via Legal (textos obrigatórios), fazendo um apanhado dessa questão relacionada aos danos ambientais causados pela extração de carvão mineral em Santa Catarina. Esses três vídeos retratando o problema foram acompanhados por um vídeo com entrevista do desembargador Paulo Afonso Brum Vaz (atividade proposta para o fórum de discussão), em que ele relata as dificuldades e a experiência de sentenciar aquela ação civil pública e as repercussões que isso teve posteriormente. O relato valeu pelas lições que apresentou quanto às dificuldades que todos nós, juizes, encontramos pra lidar com processos ambientais complexos, como é o caso da ACP do Carvão.

Também foram disponibilizadas as decisões sobre a ACP do Carvão (na fase de conhecimento: sentença, acórdão do TRF4 e acórdão do STJ) e um texto do juiz federal Marcelo Cardozo da Silva (na fase de execução da sentença, complementando o site da ACP do Carvão e dando conta da experiência de implementar a respectiva sentença).

Ou seja, tivemos farto material para o estudo de caso, seja quanto à fase de conhecimento (desembargador Paulo Afonso), seja quanto à fase de cumprimento da sentença (juiz Marcelo Cardozo).

Acho que esses materiais foram muito bem aproveitados por todos nós, porque os debates no fórum de discussão começaram justamente discutindo várias questões relacionadas à ACP do Carvão, com várias participações (a partir da mensagem de Cândido, 10/5, 21h21).

Aqui vou pedir licença pra não citar todas as contribuições, mas apenas enfatizar a do João Paulo (12/5, 16h57), que fez uma interessante ligação da ACP do Carvão com os demais módulos do curso:

“penso que esse exemplo da ACP do Carvão consegue sintetizar os três eixos temáticos aqui estudados, não só quanto ao efetivo acesso à justiça, mas também quanto à informação e à participação. A iniciativa da criação do Portal da ACP do Carvão é um rico exemplo de acesso à informação e, em certa medida, incrementa a participação social, além de dar transparência e função educativa ao processo. De igual forma a realização de audiências públicas na execução em curso.

Por fim, no que toca ao acesso à justiça ambiental, penso que além da necessidade de fortalecer e prestigiar a atuação do Ministério Público (como comprova a ACP mencionada), também teria grande relevo a efetiva estruturação das Defensorias Públicas como forma de incrementar o acesso daquela parcela da população mais necessitada”.

Realmente, como dito pelo João Paulo, a ACP do Carvão percorre os três eixos do princípio 10 da Declaração do Rio e nos fornece um rico exemplo prático de como nós, juízes, podemos ter uma atuação fundamental para a concretização do direito e realização da justiça em matéria de meio ambiente, num plano que envolve não apenas o processo de conhecimento, mas também o cumprimento da sentença.

E também o Rogério (14/5, 7h11) fez essa ligação, e mais uma vez peço licença pra destacar esses trechos de sua manifestação, resumindo bem a importância desse caso para o nosso estudo a respeito do princípio 10 e a atuação do juiz em matéria de meio ambiente:

“a ACP do Carvão sintetizou – e, mais, concretizou - da fase de conhecimento até a do cumprimento da sentença todos os eixos temáticos do curso. Como bem colocou o Des. Paulo Afonso, estava-se diante de uma realidade de degradação iniciada na alvorada dos anos 80, cujo dano ambiental de tão consumado que era chegou a gerar pernicioso sentimento de impunidade, de um “pseudodireito adquirido de poluir”. Depois da ACP muito mudou, inclusive a consciência ambiental da comunidade, de órgãos públicos e do empresariado, que passaram a dialogar entre si, a pôr em discussão os rumos da efetivação da tutela jurisdicional a ser cumprida em Criciúma. Aquele de desânimo que abatia o espírito do julgador, foi superado pela disposição, pelo estudo e pela criatividade do Des. Paulo Afonso e dos Colegas que o sucederam no cumprimento da sentença. O problema da sucessão das empresas, do acúmulo de réus, tudo isso deve ter gerado inúmeros percalços para formação completa e desenvolvimento da relação processual. O desafio da prescrição da reparação do dano ambiental e a coragem de, pela primeira vez, dá-la por imprescritível. O comando no sentido de reparar integralmente a área, constituindo-se em obrigação de fazer que, mesmo não quantificada, retratou bem a primazia consagrada no art.57, §3º, da Proposta do Brasil na XVI Cumbre: “Nos casos de danos ambientais, deve-se buscar preferencialmente a reparação do dano, com restituição das coisas ao estado anterior, recomposição do ambiente ou ecossistema lesado, e recuperação integral dos prejuízos causados”. A sentença, antes tida por “utópica”, foi reiteradamente confirmada pelas Instâncias Superiores (TRF4 e STJ). A execução da sentença exigiu um fenomenal trabalho, destaque aqui os relatos do texto do Colega Dr.Marcelo Cardozo da Silva e dos dados constantes no portal da ACP. Tudo isso – agora volto ao início e à percepção perfeita do João Paulo - efetivou a informação, a participação e o acesso à justiça, elevando, como também acentuado pelo Des. Paulo Afonso, a credibilidade do PJ”.

Aproveitei essa discussão toda pra concluir a temática do módulo, mostrando que é importante que os juízes tenham sensibilidade e criatividade pra lidar com a questão ambiental (Cândido, 14/5, 10h16), nestes termos:

“Sensibilidade é importante pra percebermos o problema, enquanto juízes. No meio de tantas matérias que o "juiz local" precisa enfrentar, alguma delas tão urgentes e com cobrança direta pelas pessoas que demandam no balcão da vara judiciária, é preciso que o juiz se mantenha sempre atento e SENSÍVEL a conseguir identificar no meio de tantas ações importantes e urgentes também aquelas que são importantes não apenas para o momento presente, mas também para as gerações futuras. Como vimos, uma ação previdenciária ou de direito do trabalho pode envolver um problema ambiental bem grave, envolvendo por exemplo poluição ou contaminação de mananciais de água, de pessoas, do próprio solo. Uma ação de família ou uma discussão sobre partilha de bens pode envolver um problema ambiental grave, relativo ao uso da terra ou ao corte de árvores. Até mesmo uma execução fiscal, que parece sem vida, pode conter um problema ambiental sério, estando a penalizar um infrator ambiental ou, quem sabe, contendo elementos probatórios relevantes para instruir um inquérito civil público ou para motivar as autoridades a agir. Por isso, é preciso que nós, juízes, estamos sempre atentos e tenhamos essa consciência ambiental permeando nossa atuação, para o que se exige de nós SENSIBILIDADE para compreender a grandiosidade e a importância do problema ambiental.

Ao mesmo tempo só sensibilidade não nos basta. É preciso que tenhamos, ao lado disso, também CRIATIVIDADE para encontrar no ordenamento jurídico e nas ferramentas do devido processo legal, da lei e do direito, as soluções e as formas para resolver e dar conta daquelas problemas ambientais. Não podemos ser criativos além do que a constituição nos permite. Não podemos ser criativos a ponto de ignorar os outros direitos e as outras perspectivas, também importantes, que devem sempre por nós ser consideradas. Mas precisamos ser criativos pra conseguir dar corpo legal e jurídico àquela sensibilidade que mencionei antes, pra que consigamos fazer justiça ambiental, o que não é o mesmo que decidir de forma arbitrária, parcial ou comprometida com apenas este ou aquele princípio jurídico. O direito como um todo deve ser considerado, as leis são importantes, a vontade do juiz não é capricho nem pode dar margem a decisões arbitrárias e parciais” .

Como sempre, terei dificuldade aqui pra relatar e resumir tudo o que foi tratado no fórum de discussões desse módulo, principalmente considerando a riqueza e a multiplicidade das manifestações de todos os participantes.

Por exemplo, discutimos a questão relativa à competência para julgar processos ambientais e as implicações envolvidas na opção por especializar juízes e varas para lidar com a matéria ambiental. Sobre isso, destaco o tópico iniciado pela mensagem do João Paulo (12/5, 16h22), colocando-nos frente ao dilema da especialização: especializar alguns juízos em matéria de meio ambiente e abrir mão do princípio do juiz do local do dano pra conduzir as ações seria a melhor solução? O debate foi rico, com muitas participações, tendo eu tentado um resumo da questão (Cândido, 13/5, 21h59), situando a questão no contexto da 4a região e suas varas especializadas. O debate foi enriquecido pela perspectiva de vários juízes da 1a e da 4a regiões, comparando as experiências de especialização das respectivas varas. Também houve participação dos colegas de outros países iberoamericanos, enriquecendo a discussão com múltiplas perspectivas e possibilidades.

Houve também questões interessantes, que não vou conseguir resumir aqui, mas que recomendo sejam consideradas pelos colegas quando pensamos em acesso à justiça em matéria de meio ambiente, como por exemplo:

- a questão das liminares em ações civis públicas que envolvem a suspensão de empreendimentos já iniciados ou em fase de finalização (Rafael Martins, 17/5, 7h51),

com contribuições de vários participantes (acho que a discussão ainda não está encerrada a respeito ...);

- a questão dos limites do poder judiciário para decidir sobre necessidade e viabilidade de determinado empreendimento (Rafael Martins, 17/5, 7h39), discussão também ainda não encerrada;

- a questão do juiz ativo e do ativismo judicial (recém proposta pela Clarides, 17/5, 17h41), que ainda vai suscitar muitas questões interessantes sobre os limites e os deveres da nossa atuação enquanto juizes;

- a questão da imprescritibilidade dos danos ambientais (Roxana, 15/5, 23h37);

- a questão dos limites territoriais da competência ambiental em situações em que o dano ambiental não observa os limites territoriais traçados pelas regras de jurisdição que os homens e tribunais estabelecem, como um caso recente envolvendo observação de baleias em Santa Catarina (Daniela, 13/5, 18h57);

- a questão das opções que às vezes precisamos fazer em termos de meio ambiente e como o conhecimento e a informação do juiz nessas questões pode contribuir no processo de tomada de decisões (Roxana, 12/5, 1h37);

- a questão do tempo na execução das sentenças ambientais e a influência que o “inevitável fator tempo” impõe nas ações ambientais (Priscilla, 15/5, 18h20);

- a questão dos reflexos da decisão da ACP do Carvão sobre a comunidade e os agentes sociais locais, mostrando como a atuação do juiz num caso concreto contribuiu decisivamente pra mudar a atitude dos indivíduos, das empresas e da comunidade a respeito de um problema grave de poluição (Roxana, 11/5, 2h19);

- as questões postas pelo princípio 10 em situações específicas, como as que envolvem a utilização do gás natural de xisto (Janilson, 13/5, 19h34) e as estações de telefonia celular (Janilson, 13/5, 19h42).

Me perdoem, mas não vou conseguir relatar todas as contribuições que se seguiram (e que se seguirão) em cada um desses tópicos. Vocês realmente foram muito participativos e contribuíram muito pra me ajudar na difícil tarefa de ser tutor de um curso de ensino à distância, envolvendo colegas tão interessados e situados em lugares tão distantes e diversos como aconteceu.

Conseguimos superar as barreiras da língua (português e castelhano), conseguimos encontrar problemas comuns e buscar soluções comuns para esses problemas.

Realmente, fiquei muito satisfeito com esse espaço de discussão e troca de experiências que construímos ao longo dessas semanas, e foi uma experiência gratificante ter estado com vocês e partilhado tanta mensagem interessante.

As discussões vão continuar ainda no fórum, e só peço que a partir da semana que vem vocês me auxiliem com uma questão importante: a avaliação desse curso de ensino à distância.

Essa avaliação é importante porque vai fornecer as opiniões que nós precisamos pra elaborar um relatório do curso para apresentar à Cumbre Judicial Iberoamericana, dando conta da primeira edição desse curso e dos resultados obtidos. Vai também fornecer à Cumbre elementos para melhorar o curso e para corrigir as falhas que tenham ocorrido, procurando contribuir assim para criação de um espaço iberoamericano para debate de questões que envolvem juizes e meio ambiente.

O questionário vai tomar pouco tempo de vocês. Peço que respondam às perguntas de múltipla escolha e também aproveitem o espaço no final para dar suas sugestões, fazer suas críticas e comentários sobre o que deu certo e sobre o que faltou melhorar para as próximas edições do curso.

Conto com vocês quanto a isso, porque esse questionário é muito importante para nós.

Ao mesmo tempo, também teremos a atividade final de avaliação. Não é uma dissertação, não é um artigo, não é um trabalho longo ou complexo. Estamos pedindo uma contribuição singela, com poucas páginas, um pequeno texto de vocês, em forma de estudo de caso, dando conta de alguma questão relevante que tenham vivenciado em sua experiência prática. A proposta é bem simples, não precisa ser um texto muito longo. Algo em torno de duas ou três páginas, bem simples, é suficiente.

Para aqueles de língua espanhola/castelhana, o texto pode ser escrito em espanhol, sem precisar de tradução para o português.

Como somos credenciados pela Enfam, temos que seguir a proposta do curso que foi aprovada, e a entrega do trabalho no prazo fixado é requisito para receber o certificado.

Enquanto isso, quem quiser, poderá apresentar suas conclusões ou seu trabalho num fórum específico no módulo 5, onde faremos o encerramento do curso e onde cada um poderá apresentar as questões que ainda faltam para encerrarmos o curso.

Bom, conto com vocês. Por favor, respondam ao questionário de avaliação e dêem sua opinião e façam suas críticas quanto ao curso.

Bom fim-de-semana a todos.

Cândido.

No **módulo 5 (sobre a atividade final de avaliação)**, o fórum de atividades foi reservado para conclusão das questões pendentes, para que aqueles que assim desejassem postassem os estudos de caso elaborados, e para agradecimentos e encerramento do curso. Registro a mensagem final do tutor, encerrando o curso e fazendo os agradecimentos devidos:

Agradecimentos e Encerramento

por Cândido Alfredo Silva Leal Junior - domingo, 2 junho 2013, 11:29

Prezados Colegas:

Ainda há prazo para entregar os trabalhos (o prazo foi prorrogado até 3/6/13, segunda-feira). Se alguém precisar de um prazo adicional, por alguma razão específica, entre em contato com a Emagis, que podemos providenciar. Também peço que confirmem se foram atribuídos os pontos de participação nos fóruns, conferindo se tudo está ok para a expedição do certificado de conclusão. Qualquer dúvida ou inconsistência, não deixem de entrar em contato pra retificarmos/esclarecermos.

Bom, superadas as questões burocráticas de encerramento do curso, queria dizer algumas breves palavras de encerramento e, principalmente, de agradecimento a todos pela participação ao longo dessas semanas e dos cinco módulos do curso.

Para mim, foi uma experiência gratificante participar dos fóruns e ler as contribuições que cada um trouxe para a temática. Fico muito feliz que conseguimos, juntos, cumprir a proposta do curso, que era abrir um espaço de discussão e debate sobre nossa prática cotidiana na jurisdição envolvendo questões ambientais. Não tinha pretensão que fizéssemos debates doutrinários ou teóricos, mas que nos concentrássemos naquilo que fazemos todos os dias: o processo decisório, o processamento das ações, a busca de soluções criativas e práticas para os problemas que cada um de nós enfrenta na realidade.

Acho que conseguimos isso. Acho que cada um deu uma contribuição importante suscitando questões, trazendo sua experiência, respondendo aos questionamentos suscitados pelos demais participantes. A troca de experiências e de materiais foi importante (tanto que resolvemos, na Emagis, criar um espaço específico dentro da estrutura de cada módulo para ali deixar depositadas tão preciosas e diferentes contribuições trazidas pelos participantes).

O material produzido e trocado ao longo do nosso curso poderá ser muito útil para nós, que lidamos com essas questões ambientais, que muitas vezes ainda não estão respondidas nos livros de teoria ou de doutrina, mas que estão aqui na nossa frente, na nossa mesa, nos processos que estamos decidindo e julgando.

Meu agradecimento muito especial à Emagis, com todo sua competente equipe de dedicados servidores, principalmente destacando o incansável Ricardo, que me deu todo apoio técnico e auxílio logístico para fazer possível que funcionasse esse ambiente virtual que foi nossa sala de aula. O Ricardo foi incansável, atendendo a tudo que eu solicitava quanto à formatação dos textos, organização dos materiais, criação dos espaços virtuais, acompanhamento dos fóruns de atividades, disponibilização dos vídeos, etc, etc, etc. Agradeço também ao Des. Penteado e à Isabel Cristina, que apoiaram esse projeto e permitiram que se tornasse realidade aqui no âmbito da 4ª Região.

Também meu agradecimento especial à Assessoria de Comunicação Social do TRF4, que contribuiu com os vídeos do programa Via Legal e também com a produção dos vídeos que eram necessários para os módulos do nosso curso. Aquela parceria que já tínhamos feito por ocasião do projeto "TRF4 na Rio+20" foi inestimável para que a temática ambiental, que sempre tinha sido presente na ACS, agora ganhasse contornos de material pedagógico, uma vez que aproveitamos todos aqueles materiais nesse curso, agora com finalidades didáticas. Os exemplos práticos que constam dos vários vídeos do Programa Via Legal, onde está sempre presente a figura da Analice Bolzan, nossa repórter ambiental e Assessora de Comunicação Social do TRF4, dão exemplos concretos de como os jornalistas e a comunicação social podem contribuir na relação entre juízes e sociedade na temática ambiental. A essa equipe da ACS, portanto, também meu agradecimento.

A todos vocês, que participaram do curso, que contribuíram nos fóruns de atividades, que apresentaram questões e tentaram apontar soluções para as questões propostas pelos colegas, meu muito obrigado. Sem vocês, não teríamos produzido tanto conhecimento nem feito circular tanta informação nessas semanas de curso. Pra não tornar longa demais a mensagem de encerramento, não vou repetir o nome de cada um aqui, mas queria deixar meu muito obrigado especial a todos vocês, que participaram nos fóruns e que suscitaram questões interessantes para o debate. Espero que o curso tenha sido útil para mostrar que a temática é complexa, polêmica, importante, necessária, difícil, controversa, etc, mas que pode ser tratada com simplicidade e com honestidade, permitindo reflexões profundas sobre questões difíceis. Muitas vezes, as respostas que precisamos estão dentro de nós, e os livros são apenas um auxílio para que nossas decisões sejam justas. O mais importante é olhar ao redor e olhar dentro de cada um, e compreender sua realidade e a realidade do outro, e procurar juntar os três eixos do princípio 10: informação, participação e acesso à justiça. Esses três

ingredientes são as ferramentas necessárias para uma boa e justa jurisdição em matéria de meio ambiente, e sempre que tiverem dúvidas recorram a esses três eixos para dar conta de algum problema difícil.

Aos nossos convidados, que contribuíram com entrevistas, materiais, depoimentos, meu muito obrigado. No módulo 2, a contribuição do Des. Vladimir Passos de Freitas. No módulo 3, a contribuição da Des. Marga Tessler. No módulo 4, a contribuição do Des. Paulo Afonso e a colaboração do Prof. Clodomiro (trazida com entusiasmo pelo Rogério, que não mediu esforços para conseguir os vídeos). Tudo isso trouxe material vivo para o curso, temas atuais e práticas judiciais que merecem ser refletidas e examinadas, o que acho tenhamos conseguido fazer nesse curso.

A proposta inicial desse curso era um projeto-piloto, em língua portuguesa, que pudesse servir para a Cumbre Judicial Iberoamericana discutir a importância e as possibilidades de que o direito ambiental fosse difundido entre os juizes iberoamericanos. Inicialmente, participariam dessa edição apenas juizes federais da 4a Região, mas acabamos conseguindo que participassem colegas de outras regiões da Justiça Federal brasileira e também juizes de alguns países iberoamericanos. A língua não foi obstáculo para a comunicação e conseguimos partilhar realidades, problemas e soluções.

Obrigado pelo auxílio de todos nessa tarefa. Elaborarei agora o relatório de conclusão do curso para a Cumbre, descrevendo essa experiência e desejando que tenhamos mais espaços como esse, em que os juizes possam se encontrar e discutir suas realidades e seus problemas comuns.

A todos, meu muito obrigado.

Cândido.